



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DO MAR  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM OCEANOGRAFIA**

**MARIANNA ROZAS FREITAS CAVALCANTE**

**(MULTI)TERRITORIALIDADES NA PRAIA DO MUCURIBE (FORTALEZA/CE)**

**FORTALEZA, CEARÁ**

**2018**

MARIANNA ROZAS FREITAS CAVALCANTE

(MULTI)TERRITORIALIDADES NA PRAIA DO MUCURIBE (FORTALEZA/CE)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências do Mar da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Oceanografia.

Orientador: Prof. Dr. Fábio de Oliveira Matos.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

C364( Cavalcante, Marianna Rozas Freitas.  
(MULTI)TERRITORIALIDADES NA PRAIA DO MUCURIPE (FORTALEZA/CE) / Marianna  
Rozas Freitas Cavalcante. – 2018.  
70 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Ciências do  
Mar, Curso de Oceanografia, Fortaleza, 2018.  
Orientação: Prof. Dr. Fábio de Oliveira Matos .

1. Território. 2. Territorialidade. 3. Multiterritorialidade. 4. Praia do Mucuripe. 5. Oceanografia Social. I.  
Título.

CDD 551.46

---

MARIANNA ROZAS FREITAS CAVALCANTE

(MULTI)TERRITORIALIDADES NA PRAIA DO MUCURIBE (FORTALEZA/CE)

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Ciências do Mar da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Oceanografia.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Fábio de Oliveira Matos (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Dr. Paulo Valdenor Silva de Queiroz  
Secretaria da Educação do Ceará (SEDUC)

---

MSc. Tatiane Rodrigues Carneiro  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À Deus, por tudo.

À minha mãe, Cristiane Rozas Freitas, por estar sempre ao meu lado me apoiando e me incentivando.

À Marinete Mendes Dias (*in memoriam*), por todo amor dedicado a mim e a minha mãe enquanto esteve conosco.

## **AGRADECIMENTOS**

Esta seção da monografia é de fato muito gratificante, pois acredito que aqui posso me expressar sem as amarras formais do meio acadêmico.

Esses anos de graduação para mim foram marcados pelo intenso aprendizado e pela troca de vivências, foram anos que muito contribuíram para o meu amadurecimento não só profissional, mas principalmente pessoal, pois nesse período enfrentei muitas dificuldades pessoais que me fizeram achar que não seria possível concluir a graduação. Contudo, tive a “sorte” de estar rodeada de pessoas maravilhosas, cujo apoio, compreensão e incentivo foram fundamentais para a minha permanência no curso. Dito isto, dedico esse tópico a todos que contribuíram para que esse momento fosse possível.

Sou grata primeiramente à Deus, que me abençoou desde o momento em que passei no vestibular, por nunca me abandonar e por me dar força e coragem para superar as perdas e dificuldades, sabendo que Ele estará comigo por onde eu andar.

Ao meu orientador Prof. Dr. Fábio de Oliveira Matos pela compreensão, paciência, palavras de encorajamento e pelas considerações feitas.

Aos membros da banca examinadora, por aceitarem o convite de avaliar esse trabalho, pela paciência e pelos apontamentos.

A todos os personagens que conheci durante as entrevistas, por colaborarem para um maior entendimento sobre a temática do trabalho, especialmente aos pescadores do Mucuripe que lá resistem há tanto tempo demonstrando entusiasmo no exercício de suas atividades.

Ao Acervo Mucuripe e por me proporcionar uma nova visão sobre o processo histórico de formação do bairro Mucuripe, e à seu idealizador Diego di Paula, pelas considerações e sugestões a respeito desse trabalho.

A Universidade Federal do Ceará, e a todos os professores do Instituto de Ciências do Mar, por serem professores humanos e terem sido compreensivos em meus momentos difíceis, em especial a Profa. Dra. Maria Ozilea Bezerra, ao prof. Dr. Antônio Geraldo Ferreira, pelas conversas e incentivo a superar esses momentos e não desistir de concluir essa jornada. Agradeço também a todos os funcionários da instituição, especialmente a secretária Ingrid, por sempre tirar minhas dúvidas e agilizar minha vida, à Natália, João Paulo e Reginaldo, pelas conversas jogadas fora. Ao Programa de Educação Tutorial – PET Oceanografia, pelo auxílio financeiro durante a maior parte da graduação e pelos colegas de

trabalho, em especial, a Lorena, Isaias, Rute, e ainda a Jonathan e Nathan pelos jogos de poker.

A todos os meus colegas de curso, em especial aos que tenho como amigos: Augusto Freitas, Sália Albuquerque, João Luís, Marina Mendonça, Lívia Rafaelle, Sarah Maria, Oscar Souza, Caio Erick e Yasmin Barros. Agradeço ainda aos frutos que fazer Química Analítica várias vezes me renderam: Amanda Lemos e Luis Alves. A amizade de cada um de vocês foi extremamente importante em diferentes momentos dessa graduação. Obrigada por tudo.

Gostaria de agradecer individualmente a alguns membros da minha família:

À minha avó Lúcia (*in memoriam*), que me ensinou o amor pelo mar.

À minha avó Estrela, pelo amor, cuidado e preocupação, demonstrados de diversas formas.

Ao meu avô Tarcísio (*in memoriam*), por sempre me incentivar a me dedicar aos estudos e me ensinar que a vida tem que ser leve e descontraída.

À Nete (*in memoriam*), que dedicou boa parte de sua vida a cuidar de mim e da minha mãe e por ter nos amado tanto. E também pela companhia durante as madrugadas de estudo desde a época do ensino médio.

À minha mãe, por ser meu porto-seguro, pelo imenso amor, por ser minha melhor amiga e por sempre acreditar na minha capacidade e me motivar a persistir em realizar meus objetivos.

Ao meu pai, por se fazer presente nos momentos mais necessários, e pela sua intensa contribuição para a realização desse trabalho, me auxiliando nas atividades de campo e por todos os comentários e sugestões. Sua ajuda foi fundamental para a finalização desse trabalho.

Ao meu tio Mauro, que é um segundo pai para mim e para os meus primos, pela ajuda constante ao longo de toda a minha vida.

À Arthur Leite, pelas conversas, amizade, momentos de descontração, incentivo constante e paciência.

À toda a minha família, todos os meus tios, tias e primos, em especial aos tios Elson e Cláudio, e as tias Carol, Madê e Socorro, por sempre torcerem por mim. Agradeço também ao meu primo Igor, cujo auxílio foi importante para a realização das atividades de campo e a minha prima Ester que contribuiu com dicas e sugestões. E ainda a Adriano Galeno, pelas conversas de incentivo e auxílio nas traduções de trabalhos.

Às minhas amigas da vida, Lívia Miranda, Bárbara George, Lícia Herculano e Aryadna Castro. É com vocês que eu espero continuar contando por muitos e muitos anos.

Por fim, agradeço a minha “rede de apoio” de quatro patas, Sandy & Lady (*in memoriam*), que foram as melhores companheiras de vida por 16 anos, e a Brisa, Nina, Leleca, Zik e Mimi, pela incansável companhia durante as madrugadas de estudo e por alegrarem meus dias.

“As cidades são construídas de histórias, memórias e mistérios, feitas de um estuário de afetos, retóricas, discordâncias, interesses, apegos, datas e festas. Grandes celebrações. São os homens com seus sólidos perfis que constroem e desmancham as cidades todos os dias.”

Roselane Gomes Bezerra

## RESUMO

A territorialização de espaços públicos é uma questão pertinente a humanidade desde muito tempo, por fazer parte da essência da nossa sociedade, onde tudo é caracterizado como sendo de alguém. Na Praia do Mucuripe, as territorialidades se apresentam de diversas formas, coexistindo num mesmo espaço, mas chama atenção o uso pelos pescadores que resistem há muito tempo no local, mesmo se tratando de uma das praias mais urbanizadas de Fortaleza. Neste trabalho foi analisado cada um desses territórios, tanto em terra como em mar, durante a segunda metade do ano de 2018, assim como seus usos e ocupações com foco em três grupos: pescadores, comerciantes e praticantes de atividade física. Essa análise se deu a partir da aplicação de entrevistas específicas a cada grupo analisado, onde foi possível observar que apesar da boa convivência entre estes, existem pequenos conflitos por espaço entre os grupos e também dentro de cada grupo. Conflitos estes que tem origem tanto a partir de questões atuais, como também provenientes de questões históricas.

**Palavras-chave:** Território. Multiterritorialidade. Praia do Mucuripe.

## **ABSTRACT**

The territorialization of public spaces is a pertinent question for humanity since long, to be part of the essence of our society, where everything is characterized as being someone. In the Mucuripe Paria, the territorialities present themselves in different forms, coexisting in the same space, but it is worth noting the use by fishermen who have long resisted the place, even if it is one of the most urbanized beaches in Fortaleza. This work analyzed each of these territories, both on land and at sea, during the second half of 2018, as well as its uses and occupations with a focus on three groups: fishermen, merchants and practitioners of physical activity. This analysis was based on the application of specific interviews to each group analyzed, where it was possible to observe that despite the good coexistence between them, there are small conflicts by space between groups and also within each group. Conflicts that originate both from current issues and from historical issues.

**Keywords:** Territory. Multiterritoriality. Mucuripe Beach.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Densidade Demográfica .....	26
Figura 2 – Praia do Mucuripe em 1935.....	28
Figura 3 – Estrutura para guardar equipamentos da escola <i>Brothers Wind School</i> .....	31
Figura 4 – Turistas fazem fila para embarcar nos botes.....	32
Figura 5 – Localização da Área de estudo.....	33
Figura 6 – Divisões da Área de estudo.....	34
Figura 7 – Veleiro utilizado para passeios turísticos.....	35
Figura 8 – Entrada da Escola de esportes <i>Brothers Wind School</i> .....	36
Figura 9 – Quiosque de passeios turísticos.....	36
Figura 10 – Local onde se encontram caixotes improvisados para guardar material de pesca e também pertences de moradores de rua.....	36
Figura 11 – Barcos abandonados utilizados como abrigo por moradores de rua.....	37
Figura 12 – Manutenção dos barcos na área 2.....	38
Figura 13 – Pescadores em momento de lazer.....	38
Figura 14 – Feiras dos Pescadores na área 3.....	39
Figura 15 – Treinos de futebol na área 3.....	39
Figura 16 – Comércio voltado a atender pescadores durante no período da manhã.....	40
Figura 17 – Feira de artesanatos próxima ao Mercado dos Peixes.....	40
Figura 18 – Ocupação dos grupos ao longo das áreas de estudo.....	52

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa etária dos entrevistados.....	44
Gráfico 2 – Comparação da faixa etária entre os grupos.....	45
Gráfico 3 – Sexo dos Entrevistados.....	46
Gráfico 4 – Perfil Socioeconômico dos Entrevistados.....	46
Gráfico 5 – Bairros onde residem os entrevistados.....	47
Gráfico 6 – Grau de satisfação com os serviços públicos de seus respectivos bairros...	47
Gráfico 7 – Ocupação total e média por hora do dia.....	49
Gráfico 8 – Ocupação das áreas por pescadores distribuídos por horas do dia.....	49
Gráfico 9 – Ocupação das áreas por comerciantes/prestadores de serviços distribuídos por horas do dia.....	50
Gráfico 10 - Ocupação das áreas por praticantes de atividades físicas distribuídos por horas do dia.....	50
Gráfico 11 - Distribuição por setor de prestação de serviços.....	51
Gráfico 12 - Ocupação dos grupos ao longo das áreas de estudo.....	52
Gráfico 13 - Grau de satisfação destes em desenvolver suas atividades no local.....	53
Gráfico 14 - Palavras escolhidas por cada grupo.....	54
Gráfico 15 - Conhecimento de tensões por espaço.....	55
Gráfico 16 - Disputas inter e entre grupos.....	55

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Usos e ocupações identificados visualmente em cada área.....	35
Quadro 2 Tempo de duração das visitas de campo e entrevistados por visita divididos em grupos.....	41

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Total de entrevistados por área e turno.....	42
---	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIESIN	Center for International Earth Science Information Network
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IOUSP	Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
SUP	<i>Stand Up Paddle</i>
UFC	Universidade Federal do Ceará

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>19</b>
2.1	Objetivo Geral.....	19
2.2	Objetivos Específicos.....	19
<b>3</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>20</b>
3.1	Território.....	20
3.2	Multiterritorialidade.....	23
3.3	Oceanografia.....	24
3.4	Praia do Mucuripe.....	27
<b>4</b>	<b>MATERIAIS E MÉTODOS.....</b>	<b>33</b>
4.1	Caracterização da área.....	33
4.2	Pesquisa de Campo.....	40
<b>5</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>44</b>
5.1	Perfil dos Entrevistados.....	44
5.2	Frequência e Permanência.....	48
5.3	Territórios e Grau de Pertencimento .....	51
5.4	Tensões por espaço.....	55
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>57</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>58</b>
	<b>APÊNDICES</b>	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Com a finalidade de apresentar a temática abordada neste trabalho, traremos neste capítulo as abordagens iniciais necessárias ao entendimento do mesmo, como justificativa; problemática e hipótese; bem como objetivos: geral e específicos.

A cidade de Fortaleza possui uma extensão de 43,4 km de faixa litorânea (incluindo a orla do rio Ceará). Esta é dividida em dois sentidos, norte-sul e leste-oeste. A faixa de praia no sentido leste-oeste se estende do rio Ceará ao Porto do Mucuripe, onde foi dado início o processo de ocupação da orla de Fortaleza.

A ocupação da orla de Fortaleza se deu de forma desigual e desordenada, assim como em várias outras metrópoles brasileiras. Esse processo, segundo Castro (1977 *apud* PAIVA, 2014, p. 3), começou entre o final do século XIX e início do século XX:

Primeiramente pela população pobre, na sua maioria, formada por pescadores e imigrantes advindos do sertão, que não compartilhavam das melhorias do processo de urbanização que se implementava na cidade no período. Nesse contexto, a faixa litorânea constitui uma área marginalizada do ponto de vista da localização, por concentrar as habitações precárias, as atividades de pesca e o porto.

O cenário começou a se transformar a partir das décadas de 1920 e 1930, quando, por influência europeia, a população mais abastada passou a utilizar banhos de mar para fins terapêuticos e de recreação. Junto a isso surgiram as primeiras casas de veraneio marítimo no trecho conhecido atualmente como Praia de Iracema, mas que até a década de 1960 era denominada Praia do Peixe, e abrigava uma vila de pescadores, que foram, pouco a pouco, perdendo espaços para as classes mais abastadas.

Então, no final da década de 1960, com a construção da avenida Beira Mar, a região se consolidou como localização privilegiada da classe dominante. Outras construções que alteraram o espaço de forma significativa foram o Porto do Mucuripe, e com a construção do mesmo, em 1979, o calçadão da av. Beira Mar.

Dado o contexto histórico da orla oeste de Fortaleza como um todo, este estudo traz como seu objeto principal as territorialidades existentes na Praia do Mucuripe, no trecho que se estende a partir da foz do Riacho Maceió até o início do mercado dos peixe e no recorte temporal compreendido na segunda metade do ano de 2018. A orla do Mucuripe foi escolhida como área de estudo por apresentar diferentes usos em um mesmo espaço geográfico, resultando em tensionalidades atreladas as disputas por espaço.

Além disso, o bairro Mucuripe faz fronteira com os bairros Meireles, Varjota e Vicente Pinzon, bairros onde predominam classes sociais diferentes, o que configura um fator que colabora para a segregação social na Praia do Mucuripe.

Uma matéria jornalística intitulada “Mucuripe: Bairro que ainda mantém a fama de reduto de pescadores” publicada pelo jornal O POVO, no dia 18 de julho de 2013, retrata a tradição da pesca na Praia do Mucuripe e a ocupação pelos “ricos”, trazendo também impressões e o depoimento de pescadores da região:

[...] Pode-se dizer que a presença dos pescadores é a principal marca da história do bairro que, até hoje, ainda é reduto da pesca artesanal. Pedro Raimundo dos Santos, 97, é considerado o mais antigo pescador do Mucuripe. “Aprendi a pescar com o meu pai. Comecei a ir pro mar com uns 10 anos”, conta. Nascido no bairro, ele recorda um Mucuripe distante do Centro e com poucas casas.

[...] Voltando à história dos pescadores, muitos deles tiveram que sair com a chegada do “desenvolvimento”. “Hoje em dia, o rico tomou de conta. (Os antigos) foram expulsos para muito longe, como Messejana e Cidade 2000”, recorda o pescador Aldemir Bezerra, 77.

Atualmente, o Mucuripe corre o risco de perder um de seus principais ícones. Viver da pesca tem se tornado uma coisa cada vez mais difícil. “Os pescadores mais velhos já morreram quase tudo e os filhos que ficam não querem ser pescador”, explica a dona de casa Eleia Ribeiro, 76. Talvez estejamos acompanhado os últimos momentos desta antiga tradição (O POVO, 2013, não paginado).

Em vias desta percepção, em constante mudança, sobre territorialização, propõe-se engatar um estudo que retrate a visão de quem vive o dia a dia da orla do Mucuripe, assim como elucidar as questões de uso e ocupação desta.

Visando contribuir com os estudos sobre multiterritorialidades, tendo como local de estudo a Praia do Mucuripe, o presente estudo se propõe a focar nas suas principais formas de uso e ocupação, observando a paisagem local e suas modificações ao longo do espaço e do tempo, no intuito de entender o processo histórico que contribuiu para a atual conformação territorial dessa praia, acredita-se que há uma cultura enraizada, principalmente nos pescadores, decorrente do processo histórico de luta por espaço entre o poder público e o privado, onde a população pobre acaba por perder espaço.

Diante disso, nos questionamos em relação à instabilidade desses usos e ocupações no tocante a apropriação de território por parte das atividades turísticas e esportivas, em detrimento da atividade pesqueira.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

Analisar os multiterritórios existentes na Praia do Mucuripe, em Fortaleza – CE, tanto em terra (calçadão e faixa de praia) como em mar, na segunda metade do ano de 2018, levando em conta os processos de apropriação de território do mesmo, com foco em 3 grupos principais pré-estabelecidos: pescadores, comerciantes/prestadores de serviço e praticantes de atividades físicas realizadas no mar.

### **2.2 Objetivos Específicos**

- Compreender o uso e ocupação de cada uma das 3 áreas pré-estabelecidas na Praia do Mucuripe.
- Traçar um perfil dos indivíduos de cada grupo analisado ( pescadores, comerciantes e praticantes de atividades esportivas).
- Identificar se há tensionalidades decorrentes de disputa por espaço.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo trataremos de conceitos que servirá como base para a pesquisa, como reflexões sobre território. Além disso, se abordará relações espaço temporais e de cunho histórico; objetivando traçar os perfis dos grupos que ocupam nosso objeto de estudo de acordo com a realidade do cotidiano destes.

#### 3.1 Território

Conhecer o conceito de território é fundamental para o entendimento da pesquisa em questão. Entretanto, para uma compreensão mais abrangente e aprofundada sobre o tema, é necessário primeiramente desconstruir a ideia de território ligado exclusivamente a um espaço geográfico em si, ou ainda ao conceito de território nacional, vinculado ao estado. Segundo Souza (2000, p. 81), o conceito de território “não precisa e nem deve ser reduzido a essa escala ou à associação com a figura do Estado”. Para o autor, os territórios podem ser permanente ou mutáveis, se apresentando de forma “periódica, cíclica”, sendo construídos e desconstruídos em várias escalas, tanto espaciais como temporais, podendo se transformar ao decorrer de séculos, anos, meses e até mesmo dias.

Sack (1986, p. 16) também se opôs à referência limitada de território e territorialidade, presa à dimensão do Estado e também da carga naturalista que lhe era atribuída, fato que lhe garantiu reconhecimento por parte da literatura geográfica. O autor contestou a natureza fixa e imutável da territorialidade, propondo que esta tem caráter móvel e variável em termos de temporalidade e espacialidade, pois, “um lugar pode ser um território num momento e não [ser] em outro, e um território [territorialidade] pode criar um lugar onde não existe antes. Além disso, a afirmação da territorialidade pode ser aplicada somente por um tempo limitado”. (*apud* COELHO NETO, 2013, p. 24).

Considerando que os territórios não fixos podem mudar de um momento pro outro, precisamos analisar os fatores que contribuem para essas alterações, influenciando na construção e desconstrução de um território. Souza (2000) afirma que “o território é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por, e a partir de relações de poder”, sendo assim, a questão é quem domina ou influencia outras pessoas em um determinado espaço e como faz isso. Sack (1986) defendia que a territorialidade é uma estratégia humana usada para afetar, influenciar e controlar pessoas, fenômenos e relações.

Haesbaert (2002) afirma que essa associação da dominação “objetiva” do espaço com a apropriação simbólica (subjativa) promove uma discussão sobre a simultaneidade da dominação e apropriação de um espaço, construindo assim, laços de identidade social de um território. O autor destaca que à medida que a dominação do espaço por um grupo ou classe produz um fortalecimento das desigualdades sociais, a apropriação e construção de identidades territoriais tem como consequência o fortalecimento das diferenças entre os grupos, fator que pode desencadear tanto uma segregação maior ou promover um diálogo mais fecundo e enriquecedor sobre a questão.

De acordo com Silva (2008, p. 7) “A cada territorialidade cabe uma temporalidade, isto é, são processos inseparáveis, mas singulares quando se considera os sujeitos que os vivenciam e instituem.” Assim, a temporalidade remete ao caráter cíclico da territorialidade. Souza (2000) sugere termos como: territorialidades flexíveis, territorialidades cíclicas, territórios flutuantes e territórios móveis quando exemplifica a apropriação de espaços públicos por determinados grupos sociais, destacando a instabilidade e grande mobilidade dos limites territoriais urbanos.

Ao citar a territorialidade do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, Souza (2000) relata a superposição de domínios territoriais, gerando uma territorialidade de baixa definição, com formas variadas e limites não coincidentes. Ainda no contexto da criminalidade no Rio de Janeiro, Souza (2000, p. 93) pontua a necessidade de se estabelecer uma ponte conceitual entre território e rede:

[...] o *território* em sentido usual (que pressupõe contigüidade espacial) e a *rede* (onde não há contigüidade espacial: o que há é, em termos abstratos e para efeito de representação gráfica, um conjunto de pontos — nós — conectados entre si por segmentos — arcos — que correspondem aos fluxos que interligam, “costuram” os nós — fluxos de bens, pessoas ou informações —, sendo que os arcos podem ainda indicar elementos infraestruturais presentes no substrato espacial [...]. A esse território em rede ou território-rede propõe o autor do presente artigo chamar de *território descontínuo*. Trata-se, essa ponte conceitual, ao mesmo tempo de uma ponte entre escalas ou níveis de análise: o território descontínuo associa-se a um nível de tratamento onde, aparecendo os nós como pontos dimensionais, não se coloca evidentemente a questão de investigar a estrutura interna desses nós, ao passo que, à escala do *território contínuo*, que é uma superfície e não um ponto, a estrutura espacial interna precisa ser considerada.

Nesse contexto, Saquet (2007, p. 73) afirma que:

No território, há temporalidades e territorialidades, discontinuidades; múltiplas variáveis, determinações e relações recíprocas e unidade. É espaço de vida, objetiva e subjetivamente; significa chão, formas espaciais, relações sociais, natureza exterior ao homem; obras e conteúdos. É produto e condição de ações históricas e

multiescalares, com desigualdades, diferenças, ritmos e identidade(s). O território é processual e relacional, (i)material.

Ainda sobre territorialidade, Souza (2000) salienta a diferença dos significados da palavra no singular e no plural, onde *territorialidade*, no singular, remeteria a algo extremamente abstrato: aquilo que faz de qualquer território um território, relações de poder espacialmente delimitadas e agindo sobre um substrato referencial. No plural, as *territorialidades* representam os tipos gerais onde podem ser classificados os territórios de acordo com suas propriedades e dinâmicas. Independente da categoria, toda territorialidade remete a algum tipo de interação entre homem e espaço, que é sempre uma interação entre seres humanos mediatizada pelo espaço.

Essa interação entre as pessoas pode ser pacífica, ou não, podendo haver disputa de interesses, gerando conflitos entre os grupos que se apropriam ou tentam se apropriar de um território. Uma disputa de interesses comum em territórios urbanos, e importantes para a pesquisa em questão, ocorre entre o uso capitalista e o uso tradicional da terra (SAQUET, SPOSITO, 2009). O senso da disputa está inserido na essência do conceito de território, marcado por conceitos como: soberania, totalidade, multidimensionalidade, pluriescalaridade, intencionalidade e conflitualidade. (FERNANDES, 2009)

Ainda segundo Fernandes (2009), as disputas territoriais são definidas pelas relações sociais e de controle dos diferentes tipos de territórios pelas classes sociais. O autor afirma que o capitalismo se estabeleceu com a consolidação do território capitalista, destacando que territórios capitalistas produzem territórios não capitalistas, entretanto, essa produção ocorre de forma desigual e conflitante, resultando em disputas territoriais permanentes. Pois como Sack (1986, p. 19) já havia afirmado, “Diferentemente de outros tipos ordinários de lugar, territórios exigem constante esforço para o seu estabelecimento e manutenção”.

“As contradições produzidas pelas relações sociais criam espaços e território heterogêneos gerando conflitualidades. As classes sociais, suas instituições e o Estado produzem trajetórias divergentes e diferentes estratégias de reprodução socioterritorial.” (FERNANDES, 2009).

Diante desses conceitos e relações, concordamos com Santos (2009, p. 7) ao dizer que “O Território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os

poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência”.

### **3.2 Multiterritorialidade**

Saquet (2007, 2009) defende que os processos sociais são multiescalares e multitemporais, sendo possível observar isso em todas as atividades cotidianas e na contínua apropriação e produção do território, onde existem múltiplos arranjos sociais e territoriais, que se iniciam no indivíduo, passando pela família e pelas organizações de bairros, chegando a grandes organizações políticas e/ou culturais e/ou empresariais. “Há diferenças culturais e políticas e desigualdades econômicas entre as famílias e unidades produtivas (urbanas e rurais), bem como traços comuns entre pessoas, famílias, associações, empresas etc.” (SAQUET, 2009, p. 84).

No contexto da glocalização (neologismo resultante da fusão dos termos global e local. Refere-se a integração de características locais na produção de uma cultura global), é possível pensar em uma sobreposição de territórios, numa territorialidade multiescalar, sendo possível o compartilhamento de mais de um território, permitindo a coexistência de vários territórios (HAESBAERT, 2003). Na visão de Haesbaert, o que parece uma desterritorialização, pode, na verdade, representar a presença ou a possibilidade de vivenciar múltiplos territórios.

Haesbaert (2003, p. 20) levanta o seguinte questionamento: “Multiterritorialidade ou a-territorialidade? Desaparecimento ou complexificação da lógica territorial?” O autor defende que a aparente perda de medição espacial nas relações de poder (tenha ele caráter concreto ou simbólico) é, na verdade, uma proliferação maior e mais complexa de controles político-espaciais em múltiplas escalas. Portanto, essa multiterritorialidade é ao mesmo tempo consequência e pré-condição da flexibilidade das relações sociais, incluindo as contradições impostas pelo capitalismo.

Os multiterritórios são gerados a partir da sobreposição de territórios em diferentes escalas, esses territórios são utilizados de diferentes formas, assim como as pessoas tomam para si diferentes funções ou como as relações sociais se misturam, formando multiterritorialidades (FERNANDES, 2009). Para facilitar a compreensão sobre os

movimentos das relações pelas classes sociais na formação de diversos territórios, o autor propõe três tipos de territórios, sendo eles: *espaços de governança*, *propriedades* e *espaços relacionais*. Respectivamente, o primeiro e o segundo território são fixos ou são fluxos, já o terceiro território pode ser fixo e fluxo simultaneamente. Os espaços relacionais são formados pelas multiterritorialidades das propriedades nos espaços de governança.

Um exemplo de multiterritorialidade são os grandes centros urbanos, onde há ocorrência de várias lógicas e práticas territoriais em um mesmo lugar. Outro exemplo é o caso das corporações multinacionais e suas operações mundiais em rede e deslocalizadas (FUINI, 2014). Quando essas corporações pretendem expandir seus territórios, tendem a desterritorializar outros grupos ali presentes, como é o caso das multinacionais, que têm comprado grandes extensões de terras em vários países da América Latina, África e Ásia em detrimento de camponeses e indígenas, que tentam resistir ao avanço das transacionais sob seus territórios, empurrando-os para novas áreas, como pontua Fernandes (2009).

### 3.3 Oceanografia

Por se tratar de uma área inter e multidisciplinar, a Oceanografia tem como objetivo integrar e relacionar as disciplinas estudadas. Garrison (2010) chama atenção para a importância se desenvolver uma *visão oceânica*, ou seja, aprender a ver as coisas em termos de importância relativa ou das relações que estabelecem entre si. O referido autor destaca que com uma visão oceânica poderemos observar que a água, os continentes, o fundo do mar, a luz do sol, as tempestades, as algas marinhas e a sociedade se relacionam de formas sutis e belas.

A Oceanografia, também chamada de ciências do mar, tem como objetivo compreender os processos oceanográficos e as interações oceano-atmosfera e continente-oceano, assim como “os processos socioantropológicos e as atividades socioeconômicas que influenciam o ambiente marinho e são influenciados por ele” (IOUSP, 2018).

Apesar de ser extremamente importante e necessária, a oceanografia social, ou oceanografia humana ainda não é tão difundida no meio científico no contexto brasileiro. Moura (2017) chama atenção para afirmação comumente propagada de que não há Oceanografia Humana, entretanto, trata-se de uma afirmação equivocada, visto que, ainda

segundo este autor, sendo a oceanografia uma criação humana que responde a questões humanas, a Oceanografia não poderia ser outra coisa, que não fosse humana.

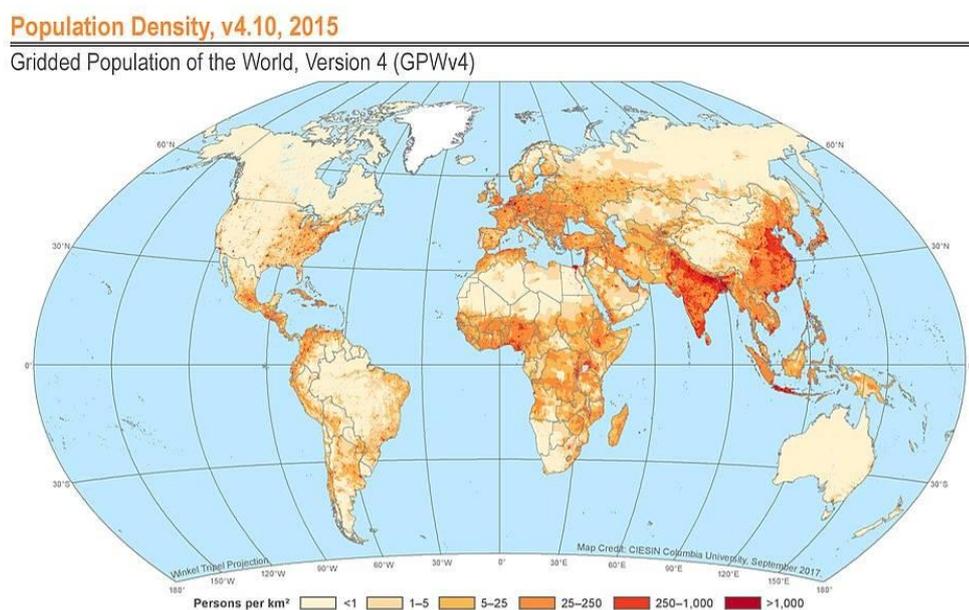
Desde os primórdios da humanidade, os mares e oceanos despertaram interesse das pessoas, e através de praticas como a pesca e a navegação foram sendo desenvolvidos conhecimentos sobre o mar e seus fenômenos, que foram sendo acumulados por milênios. A partir disso se desenvolveram sociedades com uma maritimidade marcante, como os gregos e os fenícios. “Daí a importância do conceito de maritimidade, entendido como um conjunto de várias práticas (econômicas, sociais e, sobretudo simbólicas) resultante da interação humana com um espaço particular e diferenciado do continental: o espaço marítimo” (DIEGUES, 2003, p.1). De acordo com este autor, ocorre um equívoco entre os cientistas naturais ao acreditar que os conhecimentos sobre o oceano tiveram início a partir de grandes cruzeiros oceanográficos do século XIX. Diegues (2003) afirma que muito do que sabe sobre os mares é resultado de um acúmulo de informações que aconteceu desde que o homem primitivo começou a observar o mar, mesmo em terra, e os seres que nele viviam.

Por conta dessa negligência à relação do homem com o mar, os estudos socioantropológicos foram deixados em segundo plano pela oceanografia clássica, que tem como foco as áreas de Biologia, Física, Química e Geologia. Entretanto, a relação com o homem está intrínseca a todas as áreas da ciência, visto que esta é uma criação humana, como afirmou Moura (2017) anteriormente, o autor defende que a Oceanografia interage com as Ciências Humanas e Sociais Aplicadas desde a sua criação. Moura (2017) cita que em alguns países como México e Estados Unidos já existe uma área da Oceanografia dedicada a descrever os oceanos com foco na interação com os seres humanos e o mundo marinho inseridos em uma perspectiva holística, englobando várias disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, essa área foi denominada por eles de *Oceanografia Social*.

O reconhecimento da Oceanografia Social abre espaço para um maior debate sobre como o homem afeta e é afetado pelos fenômenos oceânicos e costeiros. Sabe-se que tais processos influenciam a vida humana em diferentes escalas. Em uma escala global, podemos citar a importância do oceano para a regulação do clima na terra, através da absorção, armazenamento e transporte de calor, dióxido de carbono, por exemplo, assim como sua interação com a atmosfera. Essa capacidade de controle do clima pode ser comprometida pela ação do homem ao produzir gases como metano e dióxido de carbono em excesso, provocando desequilíbrios climáticos, levando ao aumento da temperatura média do planeta, implicando no aumento do nível do mar, que por sua vez, intensifica o processo de erosão

costeira, que afeta diretamente a maior parte da população mundial, visto que esta se concentra na costa, como podemos observar na Figura 1.

Figura 1- Densidade Demográfica mundial.



Fonte: CIESIN (2015).

O processo de erosão costeira ocorre em 70% das praias arenosas do mundo, portanto, trata-se de uma preocupação global (BIRD, 2008). A erosão é um processo natural onde ocorre a retirada dos sedimentos da costa, podendo ser ocasionada por fatores naturais, como o balanço sedimentar, e o aumento do nível do mar citado anteriormente, ou fatores antrópicos, como obras portuárias, e principalmente, a ocupação desordenada da costa. Na tentativa de conter a erosão e o avanço do mar, e proteger o patrimônio público ou privado, são construídas diversas obras de engenharia, como espigões e quebra-mares, modificando a morfodinâmica da linha de costa. Essas obras, muitas vezes, funcionam apenas como paliativo, reduz a faixa de praia e compromete seus usos e “empurrando” a erosão para as praias adjacentes.

Os recursos marinhos são de fundamental importância para a economia. Recursos como o petróleo, os minerais, os recursos pesqueiros e os recursos não extrativistas, por exemplo: o transporte de pessoas e mercadorias através do mar; o uso recreativo (GARRISON, 2010) assim como atividades turísticas e comerciais que dependam do oceano e do ambiente litorâneo para existir.

Dentre os usos mencionados, destaca-se a pesca e a relação do pescador com o mar, que é uma das mais antigas formas de interação do homem com o oceano. Através da atividade de pesca foram desenvolvidas técnicas e conhecimentos sobre as correntes oceânicas, regime dos ventos e o clima, paralelamente à navegação (DIEGUES, 2003). Além disso, os pescadores desenvolveram uma relação de respeito e afetividade com o mar, como descreve Digues (2003, p. 1):

O mar é considerado uma entidade viva por inúmeras populações marítimas que mantêm com ele um contato estreito e dele retiram sua subsistência. Essas populações humanas têm uma percepção complexa do meio-marinho e seus fenômenos naturais. De um lado, há um vasto conhecimento empírico adquirido pela observação continuada dos fenômenos físicos e biológicos a ser explorado pela chamada etnociência marítima. De outro lado as explicações para tais fenômenos também passam pela representação simbólica e pelo imaginário dos povos do mar.

Diante desses fatores e relações, fica evidente que a oceanografia e a sociedade estão intrinsecamente relacionadas, sendo incoerente fazer uma separação entre estas. Felizmente, tem-se obtido avanços nesse sentido, como o reconhecimento da *Oceanografia Socioambiental*, como campo de estudo de ação política, que age com base em saberes e valores, ideologias e verdades nas lutas e conflitos socioambientais “pela ampliação de direitos e pela democratização radical do Estado na terra e no mar.” (MOURA, 2017, p.9).

### **3.4 Praia do Mucuripe**

Para compreender as multiterritorialidades presentes atualmente na Praia do Mucuripe, é necessário analisar o contexto histórico dessa praia e seu entorno. O processo de ocupação e grande crescimento demográfico da cidade de Fortaleza é marcado pela vinda dos migrantes do sertão, a maioria fugindo das secas e das relações de dominação no campo, resultantes do domínio territorial dos proprietários de terra (SÁ, 2016). Mesmo situada no litoral, Fortaleza manteve por muito tempo uma essência sertaneja, voltando-se econômica e socialmente para o interior, uma evidência disso são as obras de Adolpho Herbster, que não incluíram a ocupação da zona norte da cidade, onde se encontram as zonas de praia, crescendo, portanto, de costas para o mar, com exceção das instalações portuárias (DANTAS, 2011).

Coriolando e Parente (2011) relatam que os retirantes sertanejos se concentravam em áreas distantes ao centro, “por medidas de segurança”, com o intuito de evitar contato com

as famílias tradicionais, para que as áreas de pobreza ficassem longe dos olhos da elite e das autoridades. Como consequência ocorreu à ocupação desordenada da zona costeira, que até então não era cobiçada pelos ricos, dando início ao processo de favelização da cidade, existente até os dias atuais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), Fortaleza apresenta a segunda maior população residente em favela entre as cidades do Nordeste, com um total de 396.370 pessoas vivendo em favelas de acordo com o Censo Demográfico de 2010.

Em contrapartida ao esquecimento do litoral pelas classes mais privilegiadas e pelas autoridades, havia ocupação dessa área por comunidades de pescadores artesanais desde antes dos processos migratórios (Figura 2). Sá (2016) destaca que até a década de 1930, a faixa de praia da comunidade Serviluz era lugar de trabalho para a organização da pesca artesanal da comunidade local vizinha da enseada do Mucuripe. Ainda segundo esse autor, em decorrência da construção do Porto do Mucuripe, entre 1940 e 1960, a aldeia de pescadores artesanais, a qual havia se consolidado como parte da tradicional aldeia do Mucuripe passou a receber grande número de migrantes vindos do interior em busca de oportunidades de trabalho na área portuária.

Figura 2 - Praia do Mucuripe em 1935.



Fonte: Museu da imagem e do som do Ceará.

A faixa de praia passou a ser foco de interesse da população mais abastada ainda na primeira metade do século XX, quando por influência europeia, passou-se a utilizar banhos

de mar e caminhadas para fins terapêuticos (PAIVA, 2014), pois nessa época foi divulgado que essa pratica poderia tratar problemas de pele como a psoríase, e também para usos recreativos. Junto a isso surgiram as primeiras casas de veraneio marítimo, e posteriormente clubes e hotéis, no trecho conhecido atualmente como Praia de Iracema, mas que até a década de 1960 era denominada Praia do Peixe (BEZERRA, 2009) e abrigava uma vila de pescadores, que foram, pouco a pouco, perdendo espaço. Então, no final da década de 1960, com a construção da Avenida Beira Mar, a região se consolidou como localização privilegiada da classe dominante.

Paiva (2014) faz ainda, diversas observações importantes sobre a orla do Mucuripe, acerca de seu desenvolvimento tomando como base as atividades do porto desde relatos históricos até a orla como se configura atualmente:

Como o desenvolvimento deste trecho esteve vinculado às atividades do porto, historicamente consideradas áreas degradadas pelo porte e tipo de atividades que concentram, a orla do Mucuripe tem usos conflitantes em relação à atividade turística. Localizado em um ponto de inflexão da orla da cidade, o porto constitui verdadeiro limite<sup>1</sup> para expansão da configuração espacial nos moldes da orla turística da Beira Mar, muito embora o trecho compreendido entre o Iate Club e o porto tenha sido apropriado por edifícios multifamiliares destinados à habitação, um hotel e um *flat*. Como a Av. Beira Mar litorânea termina no Mercado dos Peixes, os terrenos em que estes empreendimentos foram colocados impedem o acesso à praia, constituindo mais um exemplo da privatização da faixa de praia.

Diante dessa contextualização, pode-se dizer que a Praia do Mucuripe foi inicialmente territorializada pelos pescadores artesanais, que posteriormente tiveram que dividir, e de certa forma, disputar esse território tanto com os retirantes que lá se estabeleceram, e com a classe dominante que passou a se interessar pela faixa de praia como todo. Esse processo histórico da urbanização da Praia do Mucuripe evidencia também a existência da desigualdade social entre as classes que fazem uso e ocupam esse território.

Isso é visível nos dias atuais, visto que o bairro Mucuripe faz fronteira com o bairro Meireles ao leste, considerado zona nobre de Fortaleza, e fronteira com o bairro Vicente Pinzon a oeste, este com uma configuração bem diferente do bairro Meireles. Lá encontramos várias comunidades, dentre elas o Conjunto Santa Terezinha (conhecido por Morro Santa Terezinha), o Castelo Encantado e o Conjunto São Pedro, que se situam em áreas tanto do Vicente Pinzon quanto do Mucuripe. Ou seja, a Praia do Mucuripe está situada

---

<sup>1</sup> A barreira que o porto constitui na integração da orla no sentido leste-oeste e a orla no sentido noroeste-sudeste é reforçada pela presença do ramal ferroviário Mucuripe-Parangaba. A exclusão do trecho da orla se dá também em função das diversas ocupações favelizadas na faixa de praia e nas áreas de dunas. (PAIVA, 2014).

exatamente entre dois bairros onde predominam classes sociais diferentes, poderíamos dizer que a praia é a *zona de transição* entre os dois bairros. Sá (2016, p.13) pontua que Fortaleza é umas das 15 metrópoles brasileiras que juntas detêm mais da metade da produção nacional, entretanto, é uma das cidade mais desiguais do mundo, “um terço da população vive em situação de favelização, morando em lugares de alta vulnerabilidade socioeconômica e civil”.

Segundo Cavalcante (2017), o bairro Mucuripe vem se destacando através da valorização imobiliária e da verticalização, acompanhando a tendência da zona leste da cidade inicialmente concentrada nos bairros Meireles (bairro vizinho ao Mucuripe) e Aldeota. Outra questão pertinente é o crescimento do Turismo no local, tornando a paisagem mais parecida com a que encontramos no calçadão da Beira-Mar, onde o turismo é ainda mais presente. “As paisagens naturais ou históricas são vistas na maioria das vezes não como espaços de apropriação pelos habitantes, mas como ambientes atrativos para o turismo” (RAMOS, 2003, p. 19).

Por fim, não é possível falar de Praia do Mucuripe sem enfatizar a forte relação com a pesca artesanal, que vem resistindo há tantos anos às mais variadas formas de ameaças a sua permanência ali. De acordo com Ramos (2003), resistiu à pesca industrial que se iniciou nos anos de 1950, modificando seu tipo de pescado para subexistir, resistiu a mudança das últimas casas de pescadores e da classe média nas décadas de 1960 e 1970 em decorrência da instalação das casas de peixadas. Depois disso, em 1980, muitas famílias de pescadores acabaram se fixando nas encostas dos morros adjacentes a enseada do Mucuripe, ou em bairros ligados ao Grande Mucuripe, como Vicente Pinzón, onde estão inseridas as comunidades do Serviluz e Farol e o bairro Varjota. Para o Meireles era impossível se mudar, visto que a valorização imobiliária chegou primeiro lá.

Ainda segundo Ramos (2003), a pesca artesanal resistiu também à intensificação das atividades turísticas, mas não sem sofrer um grande impacto cultural que muitas vezes leva à descaracterização ou até ao abandono das atividades tradicionais, desencadeando também uma nova reordenação do espaço litorâneo em Fortaleza.

Entende-se como Grande Mucuripe o conjunto de bairros do setor leste de Fortaleza (MACIEL, 2015), compreendendo um total de quatro bairros: Varjota, Cais do porto, Vicente Pinzon e Mucuripe. Esse termo é importante quando se leva em consideração a construção social desses bairros, onde se fixaram os primeiros moradores expulsos do bairro Mucuripe.

Atualmente, a pesca artesanal continua enfrentando o avanço imobiliário atrelado ao turismo, como a restauração do Mercado do Peixes, que tomou parte da faixa de praia, “espremendo” ainda mais os pescadores, fator que reflete a invisibilidade da classe pesqueira para as autoridades, quando se trata do planejamento de revitalização do espaço público em questão, voltando-se apenas para os interesses da classe turística e dos moradores do bairro Meireles que utilizam o calçadão da Avenida beira-mar a fins de lazer e uso esportivo.

Uma intensificador das tensionalidades existentes na área, mais especificamente na região adjacente à fronteira com o bairro Meireles, é a disputa por espaço na faixa de praia com a escola de esportes aquáticos *Brothers Wind School*, que ensina esportes como *Wind surf*, canoagem e *Stand Up Paddle (SUP)*, que instalaram estruturas de madeira (ver Figura 3) para guardar seus equipamentos esportivos em locais que antes serviam para atracação de botes e jangadas dos pescadores. Além dessa escola, há também professores autônomos que se utilizam do mesmo local para iniciar os preparativos de suas aulas.

**Figura 3 – Estrutura para guardar equipamentos da escola *Brothers Wind School*.**



Fonte: Acervo pessoal.

Há ainda a disputa por espaço em mar, principalmente com os veleiros usados para fins turísticos que ancoram em locais antes ocupados apenas por embarcações menores. Além da disputa e mar, existe uma tensão em torno do espaço de “passagem” dos turistas em direção aos botes que os levam até os veleiros (Figura 4), pois esse mesmo espaço é utilizado pelos pescadores para atracar seus botes.

**Figura 4 – Turistas fazem fila para embarcar nos botes.**



Fonte: Acervo pessoal.

## 4 MATERIAIS E MÉTODOS

A elaboração desse trabalho se deu da seguinte forma: inicialmente realizou-se uma pesquisa bibliográfica-documental, com o intuito de fazer um levantamento acerca dos conhecimentos disponíveis, já documentados, sobre às temáticas mais pertinentes ao trabalho em questão e também voltados a caracterização da área de estudo, seja em livros, teses, dissertações, artigos, além de conteúdos disponibilizados *on-line* em sites de pesquisa.

Em um segundo momento elaborou-se três questionários a serem aplicados durante a pesquisa de campo, para a elaboração desses questionários foram feitas observações iniciais em campo a respeito dos três grupos focos desse trabalho. Por meio das entrevistas foi possível se aproximar da realidade em que os entrevistados vivem, e assim compreender melhor os usos e ocupações da Praia do Mucuripe.

Após a realização das entrevistas foi feito o tratamento e análise dos dados obtidos, com um enfoque qualitativo-quantitativa, onde tanto o conteúdo das informações e relatos como a quantidade das respostas são levados em consideração. Fez-se uso do programa *Microsoft Excel* para facilitar a análise dos dados e possibilitar a criação de gráficos com os resultados obtidos.

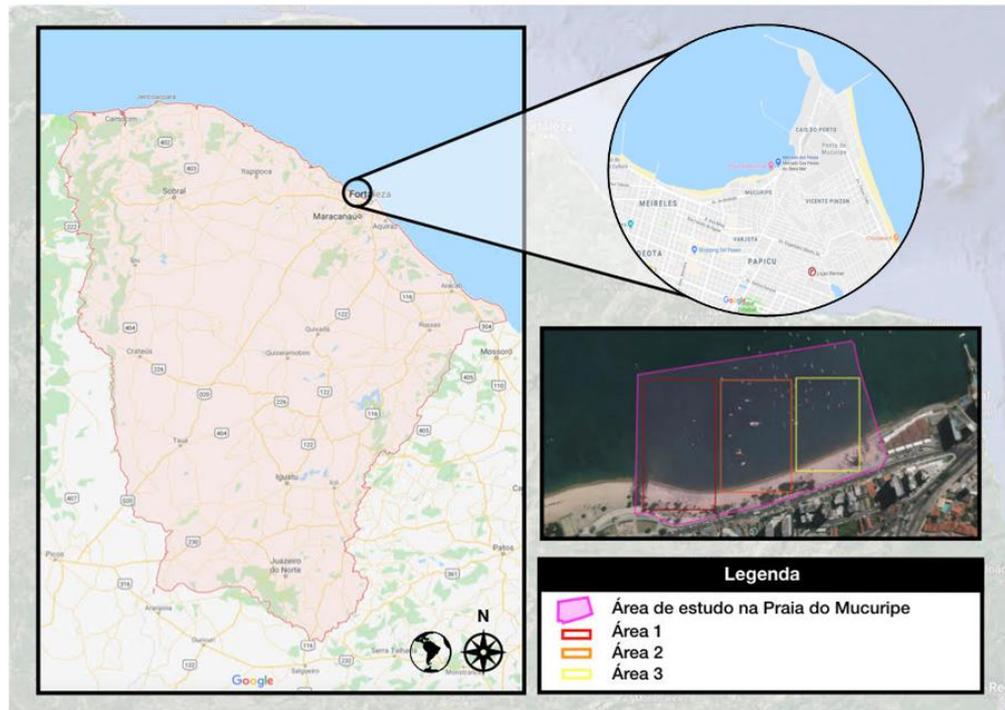
### 4.1 Caracterização da área

A cidade de Fortaleza possui uma extensão de 43,4 km de faixa litorânea (incluindo a orla do rio Ceará). Esta é dividida em dois sentidos, norte-sul e leste-oeste. A faixa de praia no sentido leste-oeste se estende do rio Ceará ao Porto do Mucuripe, onde foi dado início o processo de ocupação da orla de Fortaleza.

O bairro Mucuripe faz fronteira com o bairro Meireles ao leste, com os bairros Vicente Pinzon e Cais do Porto a oeste, e ao sul com o bairro Varjota (Ver Figura 5).

Após observar a área de estudo, optou-se por dividi-la em 3 grandes áreas, sendo cada uma delas compostas por duas subáreas, uma em terra (faixa de praia e calçadão) e uma em mar (ver Figura 6), a divisão de cada área em terra e mar tem como objetivo estender a análise dos territórios para além da faixa de praia. Para dividir a área de estudo em 3 áreas foram levadas em consideração as diferenças observacionais no uso e ocupação destas e na sua paisagem em si ( ver Tabela 1).

**Figura 5: Localização da Área de estudo.**



Fonte: Adaptado de Google Maps.

**Figura 6 - Divisões da Área de estudo.**



Fonte: Adaptado de Google Maps.

Na área 1 é possível observar uma maior variedade de atividades simultâneas ao decorrer do dia, sendo marcada por três usos diferentes: intensa atividade turística e virtude de passeios de veleiros (Figurara 7) e outros passeios turísticos oferecidos no local, aulas de esportes aquáticos na escolinha *Brothers Wind School* (Figura 8 A e B), a escola dispõe de

uma guardearia de equipamentos para atletas e outra para seus pertences e está situada bem ao lado do quiosque de passeios de veleiros (Figura 9). Também é marcante o uso pela pesca nessa área, tanto na faixa de praia, onde atracam seus botes, como mais próximo do calçadão, onde existem caixotes improvisados para guardar materiais de pesca, nesse mesmo local dos caixotes, encontram-se pertences de moradores de rua (Figura 10).

**Quadro 1 – Usos e ocupações identificados visualmente em cada área.**

	ÁREA 1	ÁREA 2	ÁREA 3
Pescadores	✓	✓	✓
Atividades Turísticas	✓	✗	✓
Esportistas	✓	✗	✗
Moradores de Rua	✓	✓	✗

Fonte: Elaborada pela autora.

**Figura 7 – Veleiro utilizado para passeios turísticos.**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 8 (A e B) – Entrada da Escola de esportes *Brothers Wind School* .**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 9– Quiosque de passeios turísticos**



Fonte: Arquivo Pessoal.

**Figura 10 (A e B): Local onde se encontram caixotes improvisados para guardar material de pesca e também pertences de moradores de rua.**



Fonte: Arquivo Pessoal.

A área 2 é a menos ocupada das 3 áreas durante as primeiras horas do dia, por volta de 5 e 8 horas (horários em que há intensa ocupação nas áreas 1 e 3), mas nessa área se concentra a maior parte de moradores de rua pela madrugada, estes dormem nos barcos abandonados (Figura 11) ou os que possuem dono, mas não tem vigia durante a madrugada. Durante o dia predominam os pescadores fazendo a manutenção de seus barcos (Figura 12) e comerciantes que tem como principal público os pescadores, estes vendem petiscos e bebidas alcoólicas. Pelo final da tarde podemos observar os pescadores em momentos de descontração nessa área, em rodas de conversa ao som de violão, principalmente nos finais de semana, quando muitos levam suas famílias (Figura 13).

**Figura 11 – Barcos abandonados utilizados como abrigo por moradores de rua.**



Fonte: Arquivo pessoal.

Na área 3 há bastante mudança no cenário ao longo do dia. Pela manhã chama atenção a feira dos pescadores, (Figuras 15 A e B) nessa ocasião eles ocupam praticamente toda a faixa de praia disponível, o que restou após a construção do Mercado dos Peixes, visto que este em nada favoreceu essa classe que sobrevive da pesca. Segundo relatos “só serviu pra turista ver”. Pela tarde há uma redução na ocupação por parte dos pescadores, o cenário vai se modificando abrindo espaço para usos de lazer, como aulas de futebol na areia que

acontecem lá (Figura 15), e o comércio que pela manhã é voltando a tender pescadores (Figura 16 A e B) se volta ao turismo pela noite (Figura 17).

**Figura 12 – Manutenção dos barcos na área 2**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 13- Pescadores em momento de lazer**



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 14 (A e B): Feiras dos Pescadores (2018) na área 3**



**Figura 15– Treinos de futebol na área 3**



Fonte: Arquivo Pessoal.

**Figura 16 - Comércio voltado a atender pescadores durante no período da manhã.**



Fonte: Acervo Pessoal.

**Figura 17 – Feira de artesanatos próxima ao Mercado dos Peixes.**



Fonte: Arquivo Pessoal.

## 4.2 Pesquisa de Campo

As primeiras visitas de campo tiveram como objetivo fazer um “reconhecimento” da área de estudo, observando o comportamento **dos grupos escolhidos** para serem pesquisados, assim como suas rotinas de atividades e suas interações. A partir dessas

observações foram **elaborados os questionários** referentes a cada grupo (ver apêndices B, C e D).

Para a escolha dos grupos a serem entrevistados, foi levado em consideração o tempo de permanência que essas pessoas passam na área de estudo, por esse motivo foram descartados turistas e transeuntes, visto que estes não permanecem no local por muito tempo, estão apenas de passagem. Portanto, foram escolhidos pescadores, comerciantes/ prestadores de serviço e praticantes de atividade física. Outro fator que contribuiu na escolha desses grupos foi a fácil identificação visual destes, visto que o pescador está sempre próximo de sua embarcação ou tratando seu pescado, o comerciante vende seu produto ou presta seu serviço, e o praticante de atividade física geralmente apresenta vestimenta característica, como blusa de *neoprene*, e porta seu equipamento esportivo.

Foram realizadas ao todo 5 visitas de campo (Ver Quadro 2), distribuídas entre os dias 10 e 15 de novembro, optou-se por alternar as visitas com um intervalo de 1 dia. As visitas foram feitas em dias alternados da semana (terça, quinta e sábado), pelos períodos da manhã e da tarde, visando uma maior variedade de público, para que estes fossem mais bem representados (Ver Tabela 1).

Essas visitas tiveram como finalidade entrevistar três grupos específicos: pescadores, comerciantes/prestadores de serviço e praticantes de atividades físicas (em mar). Foram considerados aptos a responder a entrevista, os indivíduos que estavam executando ou iniciando/finalizando suas atividades no momento das visitas de campo.

**Quadro 2. Tempo de duração das visitas de campo e entrevistados por visita divididos em grupos.**

	Dia da Semana	Hora de chegada	Hora de Saída	Pescadores entrevistados	Comerciantes entrevistados	Esportistas entrevistados	Total
<b>1ª Visita</b>	Sábado	07:30	09:50	3	4	-	7
<b>2ª Visita</b>	Sábado	15:30	18:00	2	3	4	9
<b>3ª Visita</b>	Terça	05:40	07:45	3	2	6	11
<b>4ª Visita</b>	Quinta	05:40	08:20	5	3	1	9
<b>5ª Visita</b>	Quinta	15:10	18:00	2	3	4	9
<b>Total</b>				15	15	15	45

Fonte: Elaborado pela autora.

**Tabela 1 – Total de entrevistados por área e turno.**

	Pescadores	Comerciantes	Esportistas	Total:
ÁREA 1	6	7	15	28
ÁREA 2	3	2	-	5
ÁREA 3	6	6	-	12
MANHÃ	11	9	7	27
TARDE	4	6	8	18

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação à distribuição das entrevistas, tinha-se como ideia inicial realizar 15 entrevistas por dia, sendo 5 com cada grupo e entre 7 e 8 por turno, contudo houveram algumas mudanças no decorrer das atividades de campo, como podem ser vistas no Quadro 2. Essas mudanças ocorreram devido à disponibilidade dos entrevistados nos horários das visitas de campo

Na 1ª visita não foram entrevistados praticantes de atividade física, pois iniciou-se o processo de entrevistas com os pescadores, e não haviam mais esportistas após às 9 horas da manhã. No 3º dia de entrevista (terça-feira), foi realizada apenas uma visita visto que foi aplicada uma quantidade de entrevistas superior ao esperado com o grupo de Esportistas, pois um professor de atividades aquáticas chamou seus alunos para responder os questionários.

Com exceção dessas duas situações expostas anteriormente, as demais entrevistas foram aplicadas de forma alternadas entre áreas e grupos, o objetivo era entrevistar um indivíduo de cada grupo em cada divisão da área de estudo (áreas 1, 2 e 3) por turno, totalizando 6 indivíduos e acrescentando 1 ou 2 para completar a quantidade de entrevistados esperada por visita.

Optou-se por utilizar entrevistas do tipo semiaberta, conhecida também como semiestruturada, pois esse tipo de entrevista abre espaço para relatos dos entrevistados, proporcionando uma maior compreensão acerca do contexto da problemática. Foram feitas entrevistas semelhantes para os 3 grupos, a fim de coletar informações gerais como renda mensal e escolaridade, e através dessas perguntas traçar o perfil do entrevistado. Entretanto, em cada questionário foram acrescentadas perguntas mais específicas, inerentes a realidade dos componentes de cada grupo. Além de traçar o perfil do entrevistado, questionou-se acerca da frequência e permanência no local, e também em relação ao tempo em que desempenham suas respectivas atividades no local. Foram feitas ainda, perguntas referentes

ao grau de satisfação com a Praia do Mucuripe e que indicassem palavras que lhe remetam a esse local, com o intuito de identificar o grau de pertencimento de cada grupo com a área de estudo.

Fez-se necessário um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A), em duas vias assinadas, ficando uma com o entrevistado e outra com o pesquisador. Cada grupo contém 15 integrantes, totalizando 45 entrevistados.

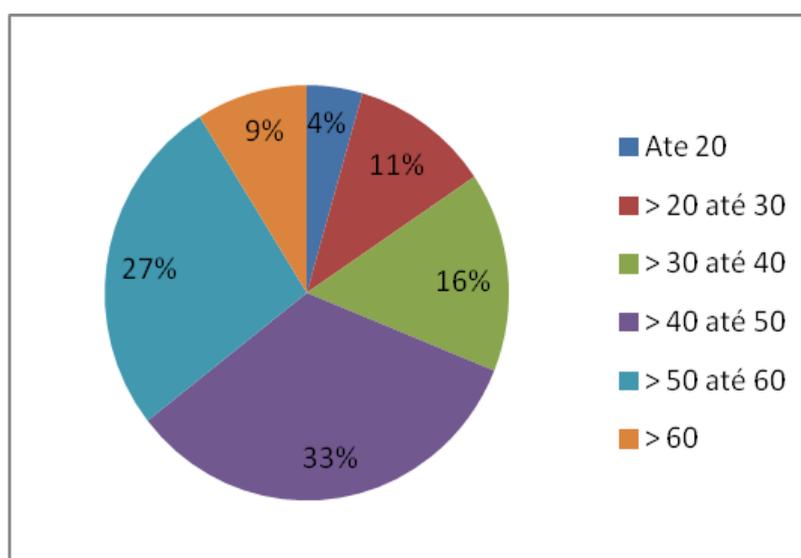
## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 5.1 Perfil dos Entrevistados

Em relação às perguntas referentes ao perfil do entrevistado, optou-se por agrupar as respostas dos três grupos pesquisados, pois se acredita que desta forma fica mais fácil comparar as respostas destes. Inicialmente foram analisados dados referentes a idade, sexo, renda mensal, escolaridade, bairro em que moram e grau de satisfação com os serviços públicos de seus respectivos bairros.

Em relação à idade dos entrevistados (ver Gráfico 1) foi possível observar que a grande maioria (69%) tem mais de 40 anos. No caso dos pescadores (Gráfico 2), esse dado reflete o afastamento dos jovens da profissão, que antes era passada tradicionalmente de pai para filho, porém atualmente muitos pescadores são os primeiros a almejam para os filhos outros empregos, para que estes tenham melhores condições de trabalho, visto que a pesca e o pescador artesanal não são valorizados como deveriam. Entre os comerciantes, constata-se a predominância da informalidade e de indivíduos entre 40 e 50 anos, justamente a faixa etária que tem mais dificuldade em se colocar no mercado de trabalho.

**Gráfico 1 – Faixa etária dos entrevistados.**

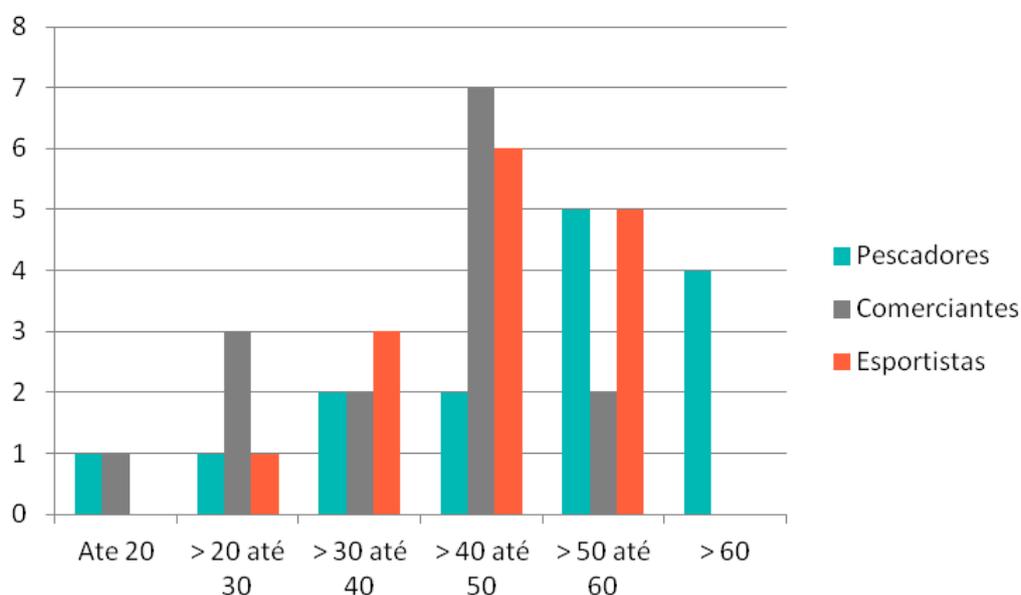


Fonte: A autora.

Uma surpresa foi a predominância de homens acima dos 40 anos na prática de atividades físicas, onde era esperada uma maior quantidade de público jovem, contudo, ao

analisar esses dados com os dados de tempo de atividade no local (Gráfico X) é possível observar que muitos desses homens praticam esportes nessa área há muitos anos, indicando que iniciaram a prática quando mais jovens se mantiveram no esporte. Também é possível associar a possibilidade de aposentadoria destes, visto que costumam praticar suas atividades também durante a semana e não só aos finais de semana, contudo é apenas uma possibilidade, já que seria possível conciliar a prática com suas jornadas de trabalho, de acordo com o horário em que frequentam (cedo da manhã e finalzinho da tarde).

**Gráfico 2 - Comparação da faixa etária entre os grupos.**

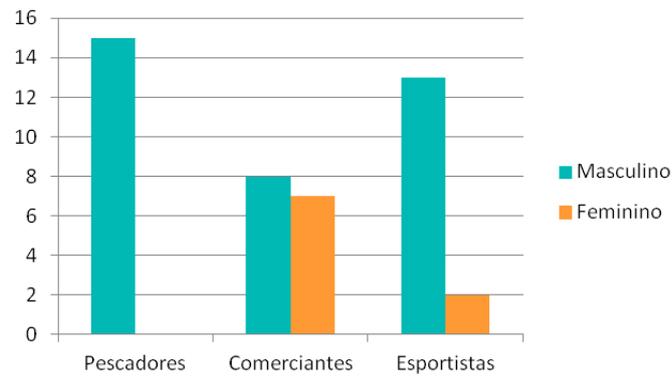


Fonte: A autora.

Em relação ao sexo houve uma discrepância nos resultados, sendo dos 45 entrevistados, apenas 9 mulheres no total, caracterizando um ambiente predominantemente masculino (Gráfico 3). Esse resultado já era esperado no grupo de pescadores, pois se sabe que realmente há uma predominância masculina na pesca. Na ocasião, tivemos conhecimento da existência de uma mulher pescadora na área 1, porém não foi possível entrevistá-la pois estava de saída e segundo relatos, nas palavras dos pescadores, “ela era braba” e dificilmente nos concederia a entrevista.

Se tratando dos comerciantes também não houve surpresas, visto que foi o grupo mais equilibrado. Já em relação aos esportistas era esperada uma maior homogeneidade nesse aspecto, pois a prática esportiva é bastante disseminada entre as mulheres atualmente.

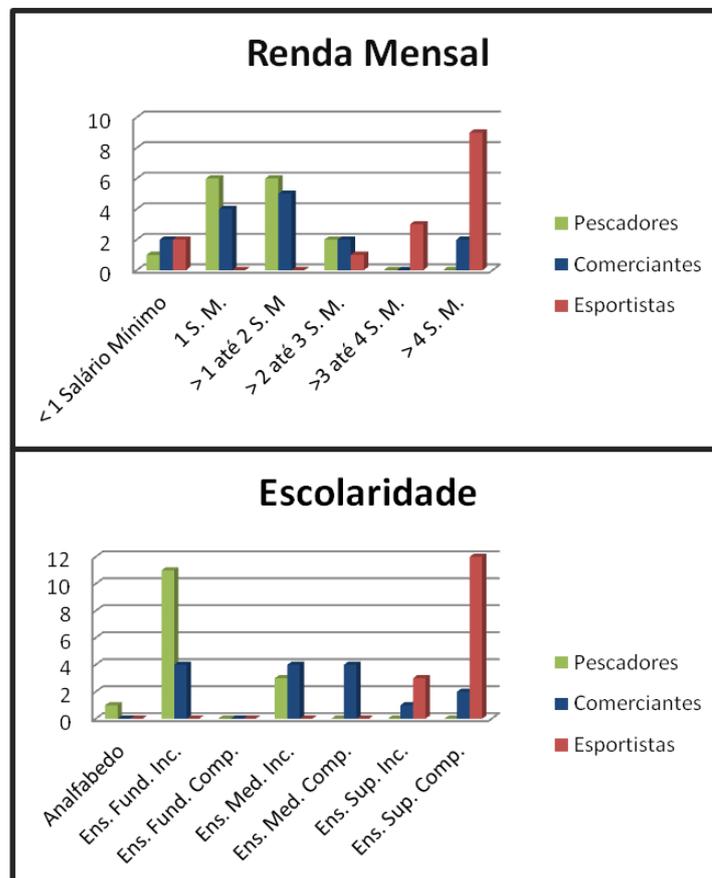
**Gráfico 3 – Sexo dos Entrevistados.**



Fonte: A autora.

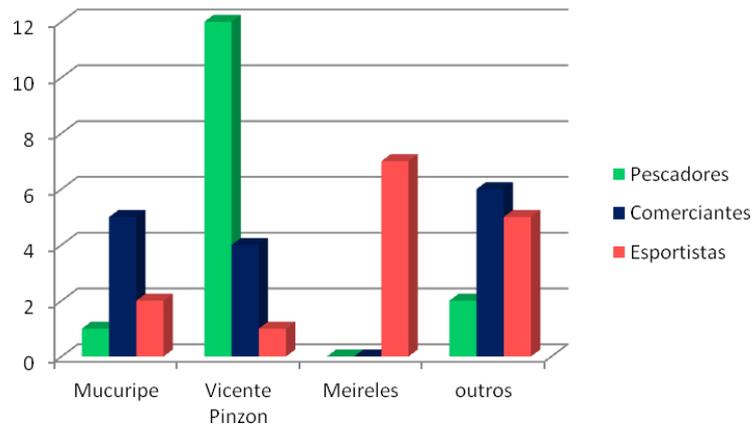
Também foram coletadas informações referentes à renda mensal e escolaridade (Gráfico 4 A e B), e também em que bairro residem (Gráfico 5) e qual o grau de satisfação com os serviços públicos de seus respectivos bairros (Gráfico 6 A, e C), a fim de conceber o perfil socioeconômico dos entrevistados.

**Gráfico 4 (A e B) – Perfil Socioeconômico dos Entrevistados**



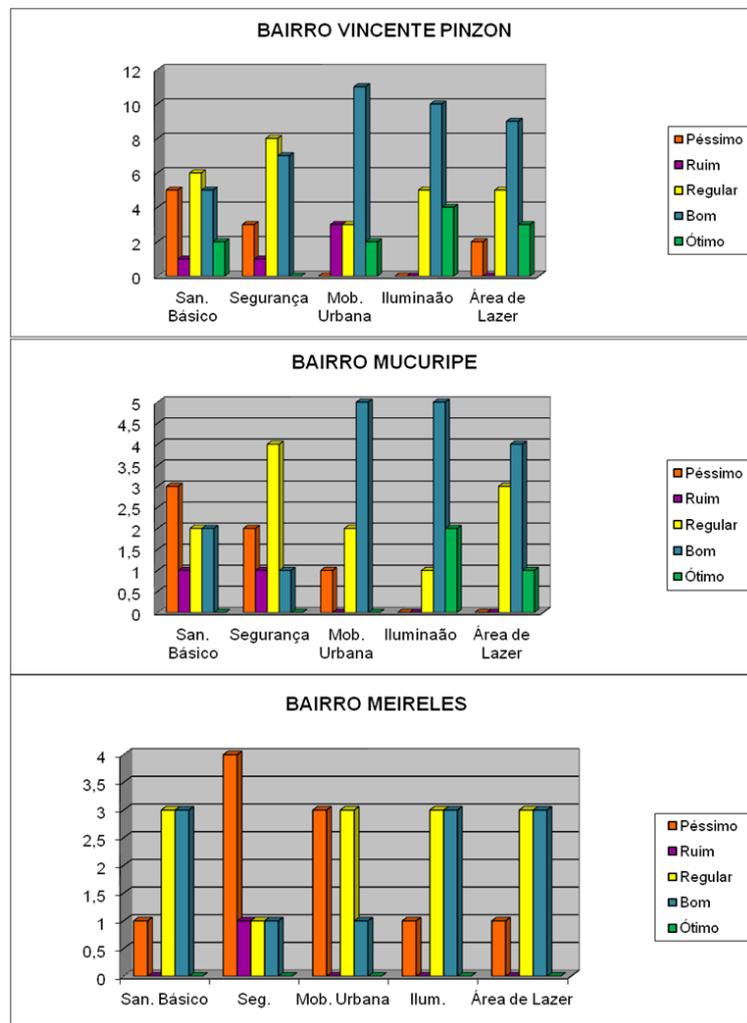
Fonte: A autora.

**Gráfico 5 – Bairros onde residem os entrevistados.**



Fonte: A autora.

**Gráfico 6 (A, B e C) – Grau de satisfação com os serviços públicos de seus respectivos bairros.**



Fonte: A autora.

Analisando esses gráficos podemos observar que há uma tendência dos moradores de bairros com perfil mais alto de renda e escolaridade a demonstrarem uma insatisfação com os serviços públicos, mesmo quando se percebe que estes serviços apresentam uma qualidade superior nos mesmos. É curioso observar que nos bairros mais carentes, principalmente no Vicente Pinzon, os moradores convivem melhor com a deficiência dos serviços públicos. Percebe-se claramente isto quando analisamos o quesito “segurança”, embora muitas vezes essa satisfação com a segurança não viesse de serviços públicos, mas sim das facções que dominam muitas comunidades do bairro, segundo os relatos dos mesmos, ou seja, houve uma interpretação equivocada da pergunta, o que pode ser relacionado a baixa escolaridade desse grupo (Ensino fundamental incompleto).

Apenas 13 dos entrevistados não moravam em um dos 3 bairros focos da pesquisa (Mucuripe, Vicente Pinzon e Meireles), sendo a maior parte deles comerciantes. Observa-se que a maioria dos Pescadores reside no Vicente Pinzon, comprovando os registros históricos de que esses foram sendo pouco a pouco expulsos do bairro Mucuripe. Observa-se também que a maior parte dos praticantes de atividade física reside nos bairros Meireles e Mucuripe. Portanto, a maior parte do público que utiliza a Praia do Mucuripe reside no próprio bairro Mucuripe ou nos bairros que este faz fronteira a Leste e a Oeste.

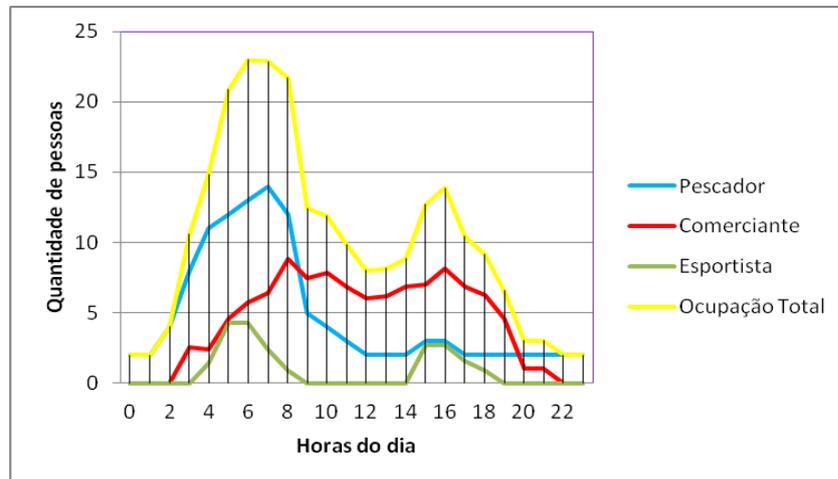
Em relação ao nível de escolaridade e renda mensal não houve novidades, apenas confirmou-se que os pescadores vivem, na sua maioria, em situação de pobreza, os comerciantes permeiam as classes baixa e média e os esportistas dispõem de uma quantidade bem maior de recursos. Esses fatores apenas atestaram as diferenças sociais existentes na área de estudo.

## **5.2 Frequência e Permanência**

Sabendo que cada territorialidade tem sua temporalidade, foram analisadas a frequência e permanência de cada grupo no local, e também a média (Gráfico 7) onde foi possível observar que a ocupação por parte dos pescadores se concentra pela madrugada e início da manhã, pois costumam chegar por volta das 3 horas e ficam até venderem sua mercadoria. Os esportistas têm seu pico no início da manhã e final da tarde, dividido a menor temperatura nesses horários e também por permitir que pratiquem a atividade antes ou depois de suas jornadas de trabalho. Os Comerciantes se distribuem ao longo do dia, principalmente entre 8 e 17 horas, onde percebe-se que o pico da ocupação de ambos os grupos acontece

entre 6 e 8 horas, caindo a partir das 10 horas e voltando a apresentar um leve pico as 16 horas.

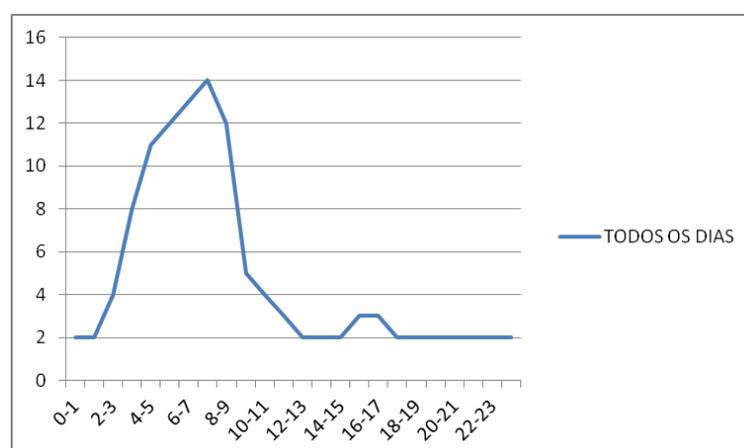
**Gráfico 7 – Ocupação média por horas do dia.**



Fonte: Elaborado pela autora.

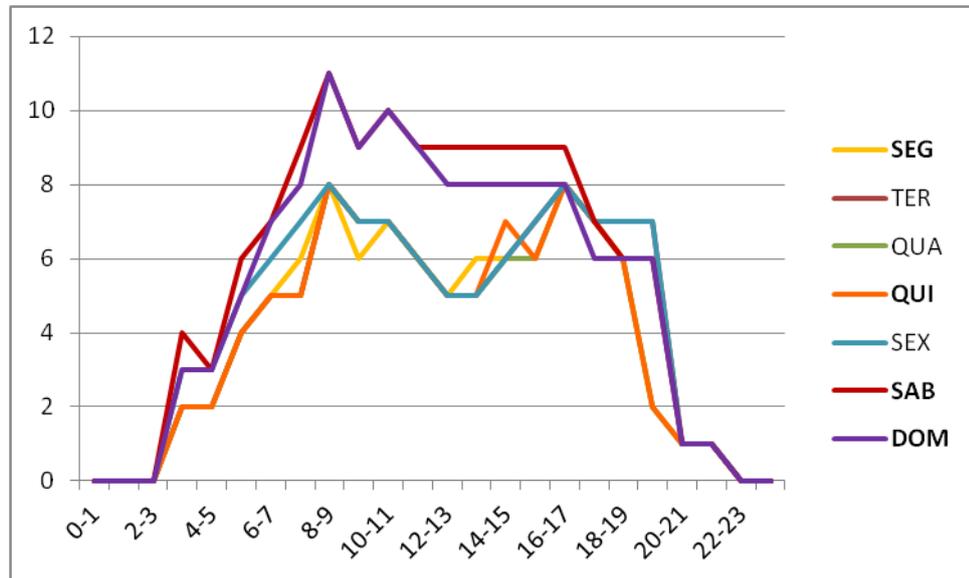
Já a ocupação durante os dias da semana apresenta uma menor variação, principalmente para os pescadores (Gráfico 8), que vão diariamente, sempre nos mesmos horários. Os comerciantes tendem a folgar na segunda ou na terça, e permanecem por mais tempo nos finais de semana e feriados (Gráfico 9), já os esportistas vão praticamente em mesma quantidade em dias da semana e finais de semana, demonstrando um público fixo da escolinha (Gráfico 10).

**Gráfico 8 – Ocupação das áreas por pescadores distribuídos por horas do dia.**



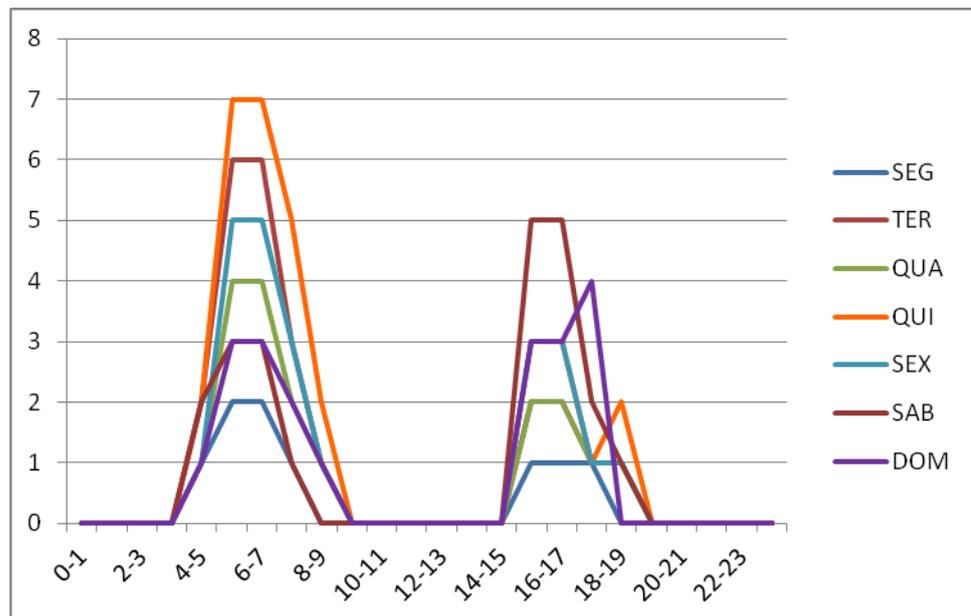
Fonte: Elaborado pela autora.

**Gráfico 9 – Ocupação das áreas por comerciantes/prestadores de serviços distribuídos por horas do dia.**



Fonte: Elaborado pela autora.

**Gráfico 10 – Ocupação das áreas por praticantes de atividades física distribuídos por horas do dia.**

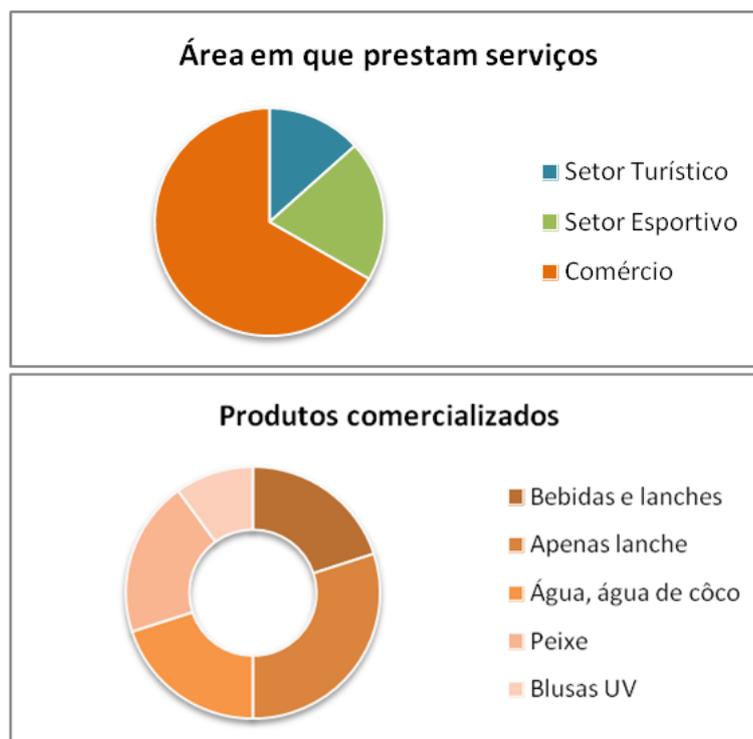


Fonte: Elaborado pela autora.

De acordo com esses gráficos vimos que os comerciantes e prestadores de serviço ocupam o local por uma maior quantidade de horas do dia, isso se deve a diversidade desse

grupo, que atendem a vários grupos (Gráfico 11 A e B).

**Gráfico 11 A e B – Distribuição por setor de prestação de serviços.**

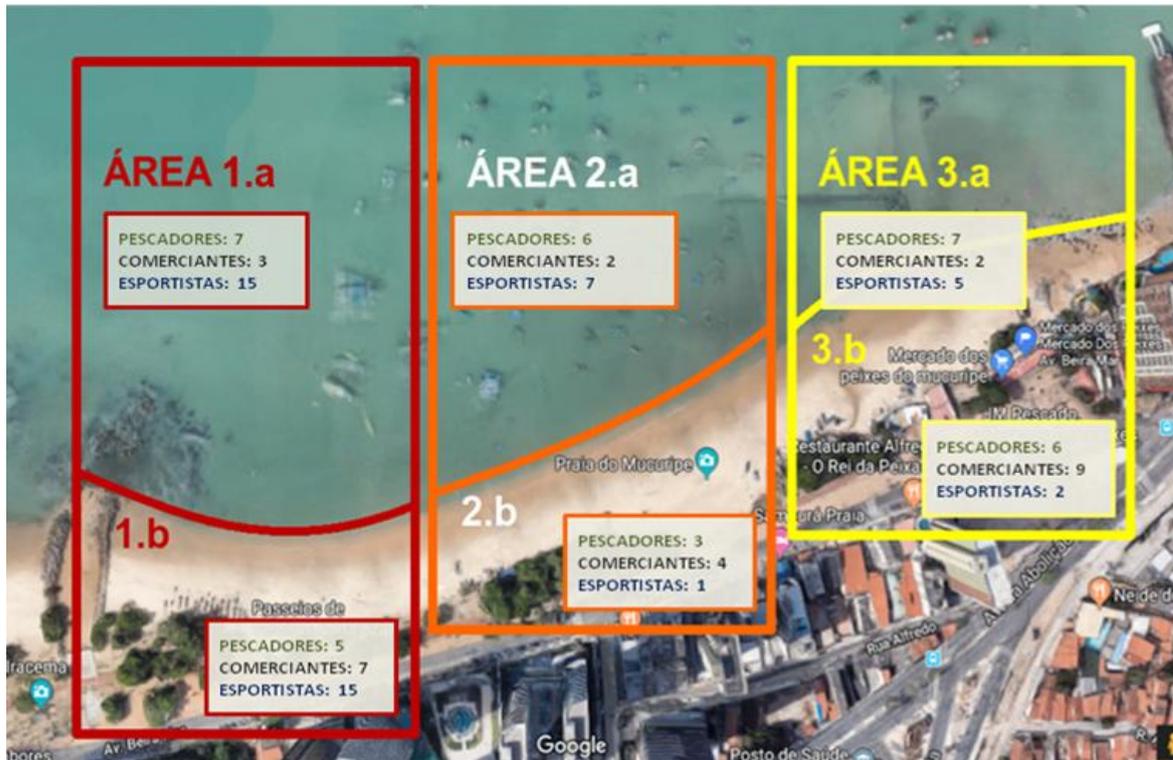


Fonte: Elaborado pela autora.

### 5. 3 Territórios e Grau de Pertencimento.

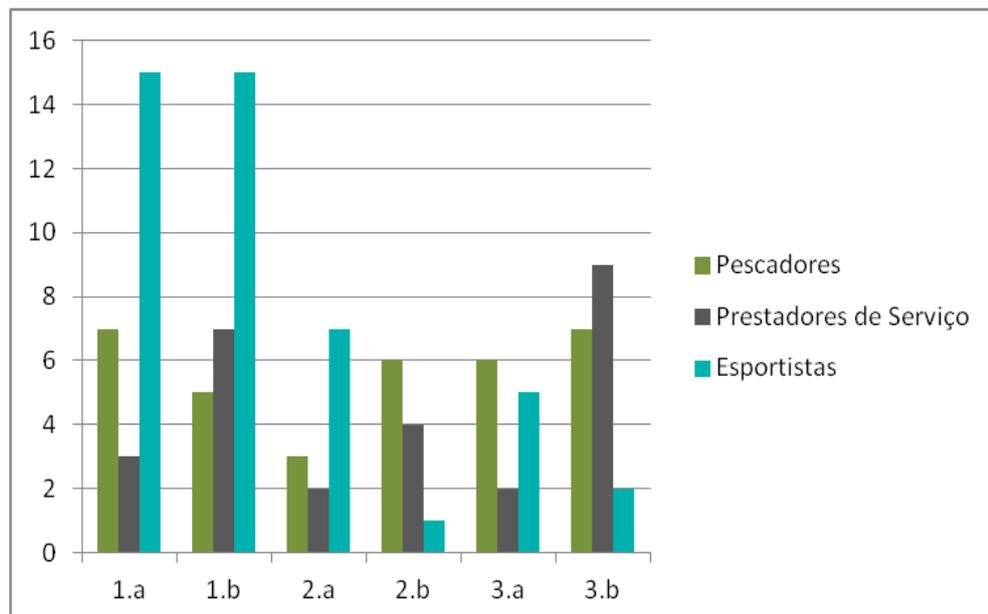
Para confirmar a hipótese dos territórios existentes no local, primeiramente foi perguntado aos entrevistados em que áreas costumavam ficar (Figura 18 e Gráfico 12), podendo ser escolhidas múltiplas opções, tendo em vista que um único indivíduo pode frequentar várias áreas. Com as respostas confirmou-se a existência de multiterritórios na Área 1, onde ocorrem vários territórios de baixa definição sobrepostos (pescadores, prestadores de serviço e praticantes de atividade física), constatou-se que os esportistas se limitam a Área 1 na faixa de praia e calçadão. Em relação aos pescadores foram identificados três “sub-territórios”, pois a cada área cabe um uso por partes destes. Na Área 1 se concentram os pescadores que pescam com embarcações menores (bote a motor, paquete), na Área 2 ocorre a manutenção de barcos (predominantemente embarcações maiores) e na Área 3 ficam atracadas embarcações maiores, como bote a remo e jangada (Gráfico 13).

**Figura 18 – Ocupação dos grupos ao longo das áreas de estudo.**



Fonte: A autora

**Gráfico 12 – Ocupação dos grupos ao longo das áreas de estudo.**

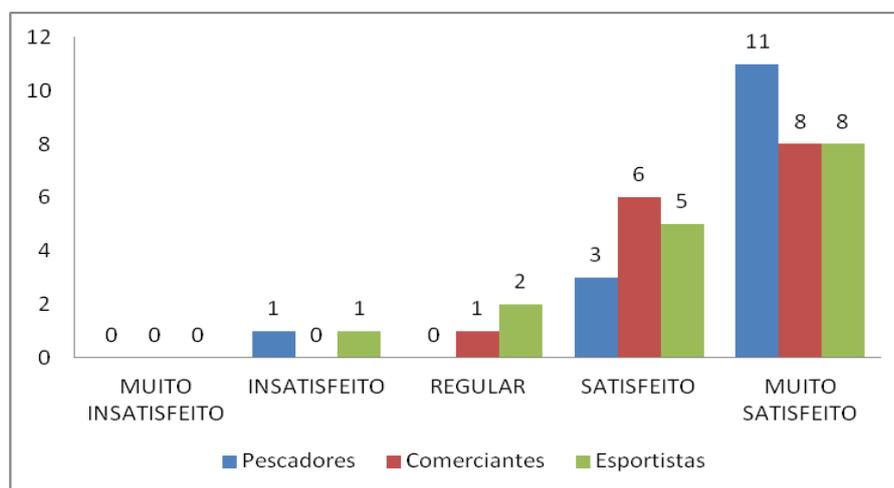


Fonte: Elaborado pela autora.

Para analisar o grau de pertencimento de cada grupo, questionou-se o grau de satisfação destes em desenvolver suas atividades no local (Gráfico 13) e também que

escolhessem três palavras que melhor representassem ao que a Praia do Mucuripe significava para eles (Gráfico 14 A, B e C).

**Gráfico 13 – Grau de satisfação destes em desenvolver suas atividades no local.**



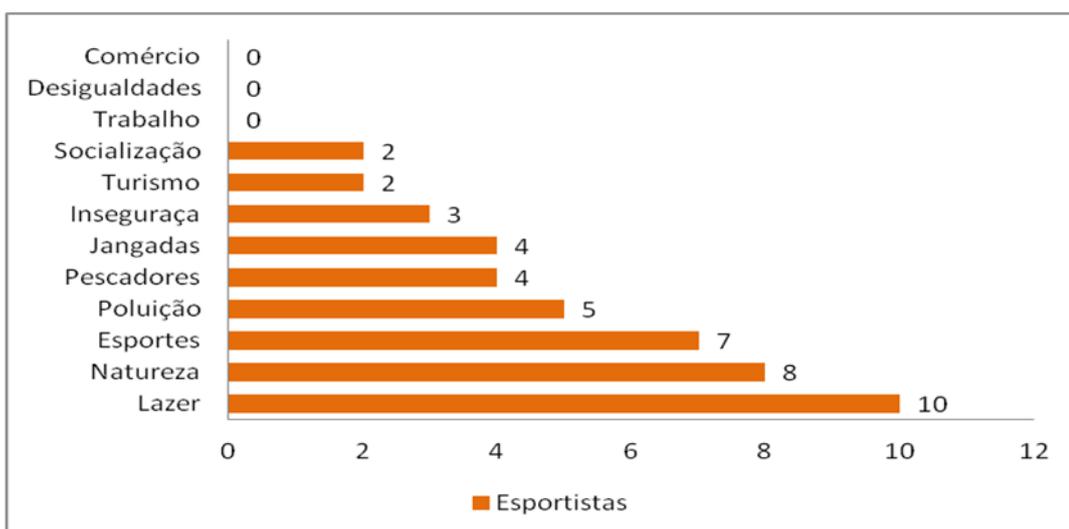
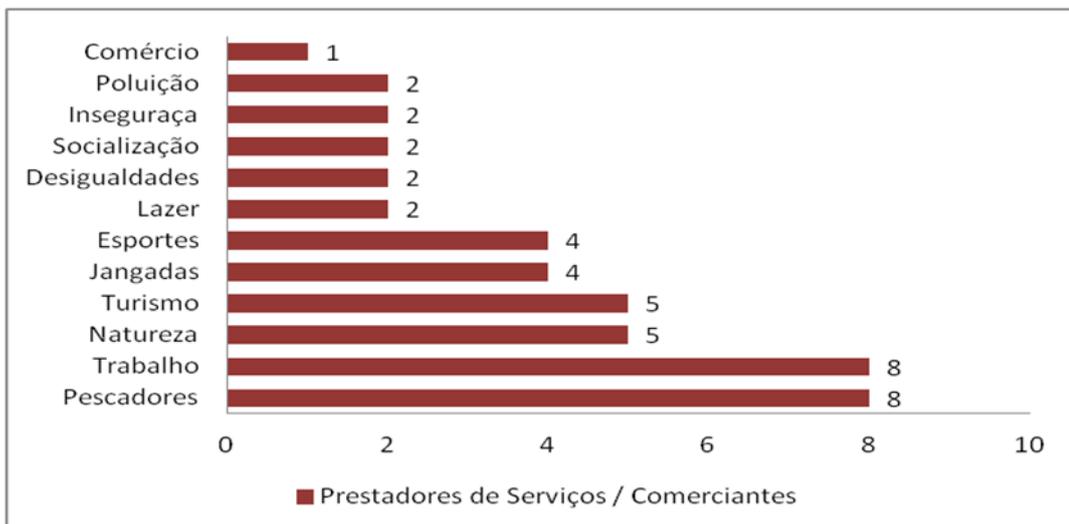
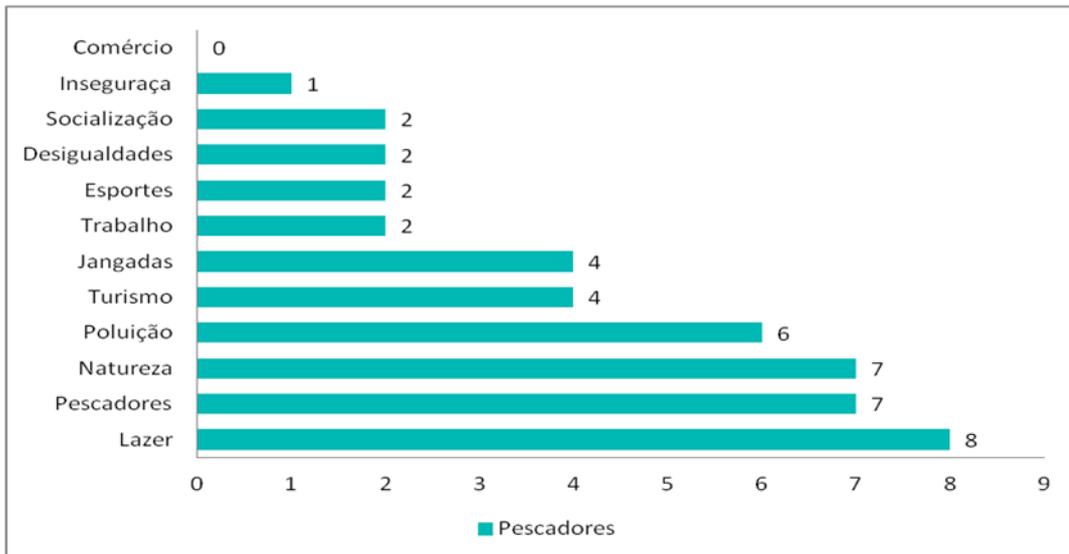
Fonte: Elaborado pela autora.

Com isso percebeu-se que ambos os grupos se sentem satisfeitos com a área de estudo analisada, predominando para eles, os pontos positivos do local. As palavras “Pescadores” e “Natureza” estão entre as 3 mais citadas pelos pescadores e prestadores de serviço, contudo, apenas 4 esportistas citaram “pescadores”, causando estranhamento visto que estes marcam a paisagem ao longo de toda a área de estudo, esse fato denuncia a invisibilidades dos pescadores para a classe de maior poder aquisitivo, assim como a palavra “desigualdade” que não foi citada sequer uma vez pelos praticantes de atividades físicas.

Chama atenção que “Lazer” foi a palavra mais citada pelos pescadores, demonstrando que estes veem o trabalho como diversão. A palavra “Poluição” foi a 4ª palavra mais citada tanto por pescadores como por esportistas, já que esses têm mais contato com o mar, onde se encontra uma maior quantidade de poluição que na faixa de praia e calçadão. Foi relatado pelos prestadores de serviços esportivos que estes costumam limpar a área em frente ao seu comércio (área 1) diariamente.

A palavra “Turismo” foi mais citada pelos pescadores, talvez em decorrência das disputas por espaço entre pescadores e atividades turísticas.

Gráfico 14 (A, B e C) – Palavras escolhidas por cada grupo.

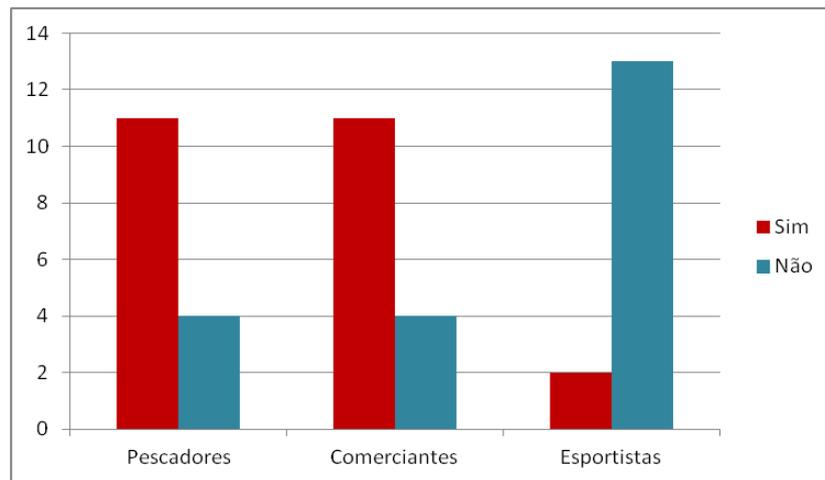


Fonte: Elaborado pela autora.

## 5.4 Tensões por espaço

Em relação a ter conhecimento da existência de disputas territoriais, a maior diferença foi em relação às respostas dos esportistas, onde a grande maioria afirmou não saber dessas tensões e não haver problemas em dividir espaço com as embarcações em mar (Gráfico 15).

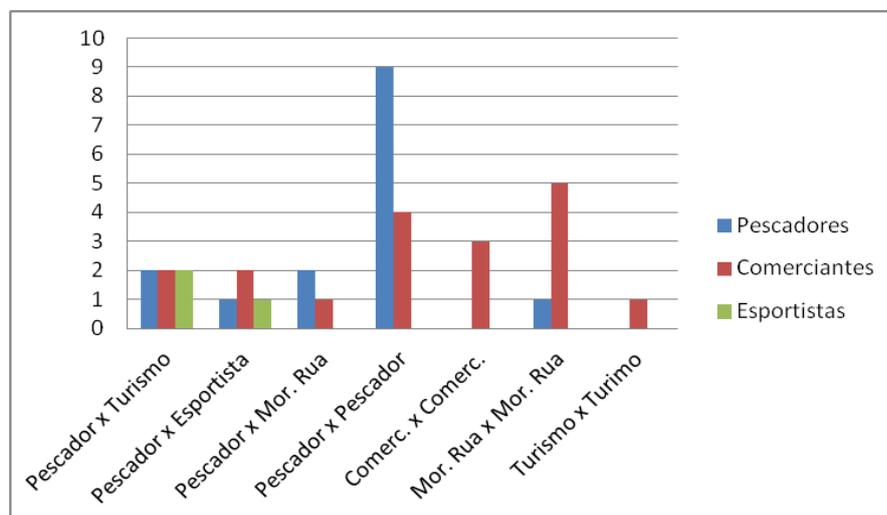
**Gráfico 15 – Conhecimento de tensões por espaço.**



Fonte: Elaborado pela autora.

Foram citadas disputas entre vários grupos, e também disputas internas em alguns deles, sendo os pescadores os mais envolvidos (Gráfico 16).

**Gráfico 16 – Disputas inter e entre grupos.**



Fonte: Elaborado pela autora.

Os conflitos internos dos pescadores ocorrem tanto em terra quanto em mar, em terra esse tipo de conflito se dá principalmente em relação ao local para estacionar o barco. Já em mar esses conflitos se dão em torno da questão do local de pesca, foi relatado por pescadores das áreas 1 e 3 a existência de “donos do mar”, descritos como pescadores com mais poder de dominação sobre os outros, nesse caso, para pescar nas áreas dos “donos do mar” é necessário pedir permissão a estes, que costumam permitir, com exceção dos melhores dias de pesca, nestes dias a pesca nesses locais dominados ficam exclusivos para os “donos”.

Já as disputas com outros grupos se dá principalmente na área 1, onde ocorre disputa por espaço na faixa de praia tanto com prestadores de serviços turísticos e esportivos, como com esportistas, segundo os prestadores de serviços turísticos, “os pescadores estacionam os barcos no lugar da passagem dos turistas”, fator relatado também por prestadores de serviços esportivos e esportistas, alegando que atrapalha a passagem para o mar com seus equipamentos.

As disputas entre comerciantes acontecem principalmente entre ambulantes não regulamentados querendo ocupar o lugar de comerciantes regulamentados, pois aparentemente não há um controle rigoroso da prefeitura nesse aspecto. Outro relato interessante foi da comerciante do quiosque de atividades turísticas, ela relatou que há cerca de 16 anos atrás houve uma forte disputa entre dois negócios turísticos voltados a passeios de veleiros pela orla de Fortaleza. O resultado desse conflito foi a fundação da Associação de Veleiros, no qual estes dois negócios optaram por se juntar e tabelar os preços dos passeios.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As disputas dos múltiplos territórios presentes na Praia do Mucuripe têm se intensificado nas últimas décadas. A política de urbanização na área, exercida sem um planejamento que de fato traga a participação dos atores envolvidos, resulta em situações como a dos pescadores, historicamente os tradicionais ocupantes da área, mas que vêm tendo seus espaços cada vez mais suprimidos, em prol de espaços voltados para o turismo e lazer.

Nota-se que na atualidade as políticas públicas para a zona costeira fortalezense não trazem a representatividades das atividades tradicionais que ali ainda resistem, preocupando-se apenas com a dimensão econômica ao investir na requalificação paisagística daquela área, tendo como maior preocupação o embelezamento da paisagem urbana.

A partir da presente pesquisa, é possível observar que atores como turistas e os moradores de classe média e alta que utilizam o calçadão da Avenida Beira-mar, não percebem a presença dos pescadores, utilizando aquele espaço para fins de esporte e lazer.

Na atualidade, com a nova onda de políticas públicas no país voltadas para o turismo, empreendidas após o período dos chamados grandes eventos (Copa do Mundo e Jogos Olímpicos), verifica-se em Fortaleza uma série de proposições que afetam diretamente o espaço costeiro metropolitano, como: o terminal marítimo de passageiros (situado no Porto de Fortaleza, no bairro Mucuripe), o projeto Fortaleza 2040 (que se propõe a traçar um planejamento a longo prazo para a capital cearense) e a requalificação de todo o calçadão da Avenida Beira-mar (iniciado em 2018 e com previsão de conclusão para 2021). Tais projetos colocam em evidência a urgência em inserir os pescadores no planejamento urbano citadino.

Por fim, registra-se o papel do oceanógrafo que, com seu olhar físico, químico, biológico e geológico dos espaços marinhos e costeiros, possuem o papel de atuar na observação das territorialidades existentes nesses espaços, tendo em vista o papel desse fenômeno na organização dos aspectos sociais, culturais e físicos desse ambiente.

## REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Roselane Gomes. **O Bairro da Praia de Iracema, entre o adeus e a boemia: usos e abusos num espaço urbano**. Fortaleza: Edições Leo, 2009.
- BIRD, E.C.F. 2008. **Coastal Geomorphology: An introduction**. 2nd edition. Chinchester. Wiley and Sons. 436 pp.
- CAVALCANTE, Eider de Olivindo. **Os meandros do habitar na metrópole: expansão urbana e controle territorial na produção do litoral de fortaleza**. 2017. 271 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/30052>>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- COELHO NETO, A. S. Redes e Territórios. **Mercator**, Fortaleza, v. 12, n. 28, p. 19-34, mai./ago. 2013.
- CORIOLOANO, Luzia Neide; PARENTE, Karlos Markes. Espaços de reserva do capital na orla oeste de fortaleza: demandas para lazer e turismo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [s.l.], v. 5, n. 1, p.63-82, 26 maio 2011. ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo. <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v5i1.345>. Disponível em: <<https://www.rbtur.org.br/rbtur/article/view/345>>. Acesso em: 05 fev. 2018.
- Center for International Earth Science Information Network – CIESIN. **Gridded Population of the World 2015**. Disponível em: <[www.ciesin.columbia.edu/](http://www.ciesin.columbia.edu/)>. Acesso: em 22 nov. 2018.
- DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à Vista**. Estudo da Maritimidade em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- DIEGUES, Antonio Carlos. A interdisciplinaridade nos estudos do mar: o papel das ciências sociais. **Semana de Oceanografia, Instituto Oceanográfico da USP**, v.15, 2003. Disponível em: <[http://www.nuredam.com.br/files/divulgacao/artigos/interdisciplinaridade%20nas%20ciencias%20sociais\\_Diegues.pdf](http://www.nuredam.com.br/files/divulgacao/artigos/interdisciplinaridade%20nas%20ciencias%20sociais_Diegues.pdf)> Acesso em 25 nov. 2018.
- FERNANDES, B. M. Sobre a tipologia de territórios. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 197- 216.
- FUINI, Lucas Labigalini. Território, territorialização e territorialidade:: o uso da música para a compreensão de conceitos geográficos. **Terr@plural**, Ponta Grossa, v. 1, p.225-249, jan. 2014. Disponível em: <<http://revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/6155>>. Acesso em: 24 nov. 2018.
- GARRISON, Tom. **Fundamentos de Oceanografia**. 4. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010. 426 p
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. 2003. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739/26249>>. Acesso em 24 nov. 2018.

IBGE. **Censo Demográfico** – 2010. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011.

IOUSP. Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://www.io.usp.br/index.php>>. Acesso em 25 nov. 2018.

MACIEL, Anna Emília. A (re)produção do espaço no grande mucuripe, em fortaleza, ceará, brasil. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, n. 3, p. 469 - 478, jul. 2015. ISSN 2178-0463. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/489>>. Acesso em: 01 dez. 2018.

MOURA, Gustavo Goulart Moreira (Org.). **Avanços em oceanografia humana: O Socioambientalismo nas Ciências do Mar**. São Paulo: Paco Editorial, 2017. 340 p.

**MUCURIBE: Bairro que ainda mantém a fama de reduto de pescadores**. Fortaleza, 18 jul. 2013. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/colunas/opovonosbairros/2013/07/18/noticiasopovonosbairros,3094435/mucuripe-bairro-que-ainda-mantem-a-fama-de-reduto-de-pescadores.shtml>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

PAIVA, R. A. **Os impactos da "urbanização turística" no litoral de Fortaleza: fragmentação e diferenciação socioespacial**. 2014. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/v.10/Anais/DTP4/131.pdf>> Acesso em: 02 fev. 2018.

RAMOS, Lidiane da Costa. **Mucuripe: verticalização, mutações e resistências no espaço habitado**. 2003. 150 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16718>>. Acesso em: 23 out. 2018.

SÁ, Leonardo . Os bairros populares e a orla marítima da cidade de Fortaleza: a produção social do crime nas favelas á beira mar. In: BARREIRA, C.; BARREIRA, I. **Etnografias na cidade: redes, conflitos e lugares**. Fortaleza: Pontes editores, 2016.

SACK, R D. **Human territoriality: its theory and history**, Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

SANTOS, Milton. O Dinheiro e o Território. **Geographia**, [s.l.], v. 1, n. 1, p.7-13, 9 set. 2009. Pro Reitoria de Pesquisa, Pos Graduacao e Inovacao - UFF. <http://dx.doi.org/10.22409/geographia1999.v1i1.a13360>. Disponível em: <<http://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13360>>. Acesso em: 24 nov. 2018.

SAQUET, M. A. **As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i)materialidade**. Geosul, Florianópolis, v. 22, n. 43, p. 55-76, jan. 2007. ISSN 2177-5230. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12646/11806>>. Acesso em: 23 nov. 2018.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p.73-95.

SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Orgs.). **Territórios e territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SILVA, A. C. **Espaço, tempo e território na geografia brasileira contemporânea**. 2008. Disponível em: <[http://www2.fct.unesp.br/cursos/geografia/CDROM\\_IXSG/Anais%20-%20PDF/Ana%20Cristina%20da%20Silva.pdf](http://www2.fct.unesp.br/cursos/geografia/CDROM_IXSG/Anais%20-%20PDF/Ana%20Cristina%20da%20Silva.pdf)>  
Acesso em: 02 fev. 2018.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77- 115.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Biblioteca Universitária. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza, 2013.

**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido****MULTITERRITORIALIDADES NA PRAIA DO MUCURIBE (FORTALEZA/CE)**

**Entrevistado n°** \_\_\_\_\_

Pesquisa desenvolvida a fim de coletar dados para analisar a percepção dos grupos ocupantes da Praia do Mucuripe no **Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)** do curso de **Oceanografia** da **Universidade Federal do Ceará (UFC)** pela discente Marianna Rozas Freitas Cavalcante, sob a orientação do Professor Fábio de Oliveira Matos.

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a responder às perguntas deste questionário de forma totalmente **voluntária**. Não existem respostas certas ou erradas, boas ou ruins. Você tem o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhuma penalidade.

**Objetivo do estudo:** Analisar a inter-relação de comerciantes, pescadores e praticantes de atividades físicas com a Praia do Mucuripe, em Fortaleza/CE;

**Procedimentos:** Sua participação nesta pesquisa consistirá apenas no preenchimento deste questionário, respondendo às perguntas formuladas que abordam aspectos da sua relação com o meio retratado.

**Benefícios:** Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema abordado, sem benefícios financeiros para você ou para o pesquisador.

**Riscos:** O preenchimento deste questionário não representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você.

**Sigilo:** As informações fornecidas por você terão sua privacidade garantida pelo pesquisador responsável. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma.

Ciente e de acordo com o que foi anteriormente exposto, eu \_\_\_\_\_, estou de acordo em participar desta pesquisa, assinando este consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Fortaleza, \_\_\_\_ de novembro de 2018.

**Se você tiver alguma consideração, dúvida ou em caso de desistência, entre em contato:**

Marianna Rozas Freitas Cavalcante : e-mail: mariannarozas@gmail.com

Instituto de Ciências do Mar – LABOMAR/UFC - Av. da Abolição, 3207 - Meireles, Fortaleza - CE, 60165-081

<http://www.labomar.ufc.br/>

## APÊNDICE B — ENTREVISTA APLICADA COM OS COMERCIANTES

Área da coleta \_\_\_\_\_ / Dia da semana:  S  T  Q  Q  S  S  D / Hora \_\_\_\_\_  
 Número do Questionário: \_\_\_\_\_ / Sexo: Masculino ( ) Feminino ( ) / Idade: \_\_\_\_\_  
 Moradia: ( ) Fortaleza ( ) Outro. Qual \_\_\_\_\_

1. Em qual bairro reside?

- ( ) Mucuripe ( ) Varjota  
 ( ) Vicente Pinzon ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_  
 ( ) Maireles

2. De acordo com a tabela abaixo, indique o grau de satisfação com os serviços públicos do seu bairro. (**Apenas para moradores dos bairros Mucuripe, Maireles, Varjota e Vicente Pinzon**)

<b>1. Péssimo</b>	<b>3. Ruim</b>	<b>5. Regular</b>	<b>7. Bom</b>	<b>10. Ótimo</b>
-------------------	----------------	-------------------	---------------	------------------

- ( ) Saneamento Básico ( ) Iluminação Pública  
 ( ) Segurança ( ) Área de Lazer  
 ( ) Mobilidade

3. Qual sua renda mensal?

- ( ) Menos de 1 salário ( ) 2 a 3 salários  
 ( ) 1 salário ( ) 3 a 4 salários  
 ( ) 1 a 2 salários ( ) Mais de 4 salários

4. Qual seu grau de escolaridade?

- ( ) Sem escolaridade ( ) Ensino médio completo  
 ( ) Ensino fundamental incompleto ( ) Ensino superior incompleto  
 ( ) Ensino fundamental completo ( ) Ensino superior completo  
 ( ) Ensino médio incompleto

5. Com que frequência vem à Praia do Mucuripe?

- ( ) Diariamente  
 ( ) Semanalmente. Quais dias?  S  T  Q  Q  S  S  D  
 ( ) Apenas nos finais de semana  
 ( ) 1 a 2 vezes por mês  
 ( ) Ocasionalmente

6. Com que objetivo frequenta a Praia do Mucuripe?

- ( ) Trabalho  
 ( ) Lazer  
 ( ) Ambas as alternativas

7. Em qual área comercial você atua?

- ( ) Serviços Turísticos  
 ( ) Atividades Esportivas  
 ( ) Ambulante. O que vende? \_\_\_\_\_  
 ( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_

8. Há quanto tempo trabalha nessa área? \_\_\_\_\_

9. A que horas costuma chegar? Até que horas permanece no local?  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

10. Qual seu grau de satisfação em trabalhar nesse local?

- ( ) Muito Satisfeito ( ) Insatisfeito  
 ( ) Satisfeito ( ) Muito Insatisfeito  
 ( ) Regular

11. Identifique no mapa abaixo em que área você costuma ficar:



- ( ) Área 1.a ( ) Área 2.b  
 ( ) Área 1.b ( ) Área 3.a  
 ( ) Área 2.a ( ) Área 3.b

12. Caso não frequente as três áreas, por qual motivo não frequenta as outras?  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

13. Já presenciou ou teve conhecimento de algum conflito por espaço com outro grupo frequentador da Praia do Mucuripe?

( ) Sim

( ) Não

14. Em caso afirmativo, como se deu esse conflito? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

15. Observe as palavras a seguir e escolha as três que melhor representam sua visão sobre a Praia do Mucuripe:

	Natureza		Trabalho		Desigualdades		Poluição
	Pescadores		Lazer		Socialização		Comércio
	Jangadas		Turismo		Insegurança		Esportes

## APÊNDICE C — ENTREVISTA APLICADA COM OS PESCADORES

Área da coleta \_\_\_\_\_ / Dia da semana:  S  T  Q  Q  S  S  D / Hora \_\_\_\_\_  
 Número do Questionário: \_\_\_\_\_ / Sexo: Masculino ( ) Feminino ( ) / Idade: \_\_\_\_\_  
 Moradia: ( ) Fortaleza ( ) Outro. Qual \_\_\_\_\_

1. Em qual bairro reside?

- ( ) Mucuripe ( ) Varjota  
 ( ) Vicente Pinzon ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_  
 ( ) Maireles

2. De acordo com a tabela abaixo, indique o grau de satisfação com os serviços públicos do seu bairro. (**Apenas para moradores dos bairros Mucuripe, Meireles, Varjota e Vicente Pinzon**)

1. Péssimo	3. Ruim	5. Regular	7. Bom	10. Ótimo
------------	---------	------------	--------	-----------

- ( )
- ( ) Saneamento Básico Iluminação Pública  
 ( ) Segurança ( ) Área de Lazer  
 ( ) Mobilidade

3. Qual sua renda mensal?

- ( ) Menos de 1 salário ( ) 2 a 3 salários  
 ( ) 1 salário ( ) 3 a 4 salários  
 ( ) 1 a 2 salários ( ) Mais de 4 salários

4. Qual seu grau de escolaridade?

- ( ) Sem escolaridade ( ) Ensino médio completo  
 ( ) Ensino fundamental incompleto ( ) Ensino superior incompleto  
 ( ) Ensino fundamental completo ( ) Ensino superior completo  
 ( ) Ensino médio incompleto

5. Com que frequência vem à Praia do Mucuripe?

- ( ) Diariamente  
 ( ) Semanalmente. Quais dias?  S  T  Q  Q  S  S  D  
 ( ) Apenas nos finais de semana  
 ( ) 1 a 2 vezes por mês  
 ( ) Ocasionalmente

6. Com que objetivo frequenta a Praia do Mucuripe?

- ( ) Trabalho  
 ( ) Lazer  
 ( ) Ambas as alternativas

7. Há quanto tempo pesca nessa área? \_\_\_\_\_

8. A que horas costuma chegar? Até que horas permanece no local?

---

9. Que tipo de embarcação você utiliza para pescar? \_\_\_\_\_

---

10. Participa de alguma cooperativa/associação de pescadores? \_\_\_\_\_

---

11. Cite pelo menos um fator que influi na escolha do seu local de pesca:

---

12. Qual seu grau de satisfação em trabalhar nesse local?

Muito Satisfeito

Insatisfeito

Satisfeito

Muito Insatisfeito

Regular

13. Identifique no mapa ao lado em que área você costuma ficar:



Área 1.a

Área 2.b

Área 1.b

Área 3.a

Área 2.a

Área 3.b

14. Caso não frequente as três áreas, por qual motivo não frequenta as outras?

---



---



---

15. Já presenciou ou teve conhecimento de algum conflito por espaço com outro grupo frequentador da Praia do Mucuripe (em terra ou em mar) ?

( ) Sim

( ) Não

16. Em caso afirmativo, como se deu esse conflito? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

17. Observe as palavras a seguir e escolha as três que melhor representam sua visão sobre a Praia do Mucuripe:

	Natureza		Trabalho		Desigualdades		Poluição
	Pescadores		Lazer		Socialização		Comércio
	Jangadas		Turismo		Insegurança		Esportes

**APÊNDICE D — ENTREVISTA APLICADA COM PRATICANTES DE  
ATIVIDADES ESPORTIVAS**

Área da coleta \_\_\_\_\_ / Dia da semana:  S  T  Q  Q  S  S  D / Hora \_\_\_\_\_  
 Número do Questionário: \_\_\_\_\_ / Sexo: Masculino ( ) Feminino ( ) / Idade: \_\_\_\_\_  
 Moradia: ( ) Fortaleza ( ) Outro. Qual \_\_\_\_\_

1. Em qual bairro reside?

- ( ) Mucuripe ( ) Varjota  
 ( ) Vicente Pinzon ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_  
 ( ) Maireles

2. De acordo com a tabela abaixo, indique o grau de satisfação com os serviços públicos do seu bairro. (**Apenas para moradores dos bairros Mucuripe, Meireles, Varjota e Vicente Pinzon**)

<b>1. Péssimo</b>	<b>3. Ruim</b>	<b>5. Regular</b>	<b>7. Bom</b>	<b>10. Ótimo</b>
-------------------	----------------	-------------------	---------------	------------------

- ( ) Saneamento Básico  
 ( ) Segurança  
 ( ) Mobilidade

- Iluminação Pública  
 ( ) Área de Lazer

( )

3. Qual sua renda mensal?

- ( ) Menos de 1 salário ( ) 2 a 3 salários  
 ( ) 1 salário ( ) 3 a 4 salários  
 ( ) 1 a 2 salários ( ) Mais de 4 salários

4. Qual seu grau de escolaridade?

- ( ) Sem escolaridade ( ) Ensino médio completo  
 ( ) Ensino fundamental incompleto ( ) Ensino superior incompleto  
 ( ) Ensino fundamental completo ( ) Ensino superior completo  
 ( ) Ensino médio incompleto

5. Com que frequência vem à Praia do Mucuripe?

- ( ) Diariamente  
 ( ) Semanalmente. Quais dias?  S  T  Q  Q  S  S  D  
 ( ) Apenas nos finais de semana  
 ( ) 1 a 2 vezes por mês  
 ( ) Ocasionalmente

6. Com que objetivo frequenta a Praia do Mucuripe?

- ( ) Trabalho  
 ( ) Lazer  
 ( ) Ambas as alternativas

7. Há quanto tempo pratica esportes nessa área? \_\_\_\_\_

8. Qual atividade você pratica?

- ( ) Caiaque ( ) Windsurf  
 ( ) Canoagem ( ) Outra. Qual? \_\_\_\_\_  
 ( ) Stand up Paddle (SUP)

9. A que horas costuma chegar? Até que horas permanece no local?

\_\_\_\_\_

10. Por qual motivo escolheu a Praia do Mucuripe para praticar essa atividade?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

11. Qual seu grau de satisfação em praticar esportes nesse local?

- ( ) Muito Satisfeito ( ) Insatisfeito  
 ( ) Satisfeito ( ) Muito Insatisfeito  
 ( ) Regular

12. Identifique no mapa abaixo em que área você costuma ficar:



- ( ) Área 1.a ( ) Área 2.b  
 ( ) Área 1.b ( ) Área 3.a  
 ( ) Área 2.a ( ) Área 3.b

13. Caso não frequente as três áreas, por qual motivo não frequenta as outras?

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

14. Já presenciou ou teve conhecimento de algum conflito por espaço com outro grupo frequentador da Praia do Mucuripe (em terra ou em mar) ?

( ) Sim

( ) Não

15. Em caso afirmativo, como se deu esse conflito? \_\_\_\_\_

---

---

---

---

16. Observe as palavras a seguir e escolha as três que melhor representam sua visão sobre a Praia do Mucuripe:

	Natureza		Trabalho		Desigualdades		Poluição
	Pescadores		Lazer		Socialização		Comércio
	Jangadas		Turismo		Insegurança		Esportes